UMA HISTÓRIA CONTADA DO PONTO DE VISTA DE WARNER, O CRUEL LÍDER DO SETOR 45



DESTRUA-ME

TAHEREH MAFI

Novo Conceito

Sumário

Folha de Rosto

Sumário

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Redes Sociais

Destrua-me

Tahereh Mafi

Tradução
Maria Angela Amorim De Paschoal



Saiba Mais

Estilhaça-me



Juliette nunca se sentiu como uma pessoa normal. Nunca foi como as outras meninas de sua idade. O motivo: ela não podia tocar ninguém. Seu toque era capaz de ferir e até matar.

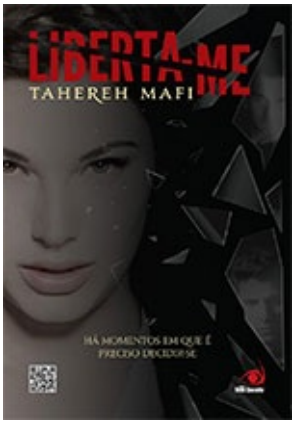
Durante anos, Juliette feriu e, segundo seus pais, arruinou o que estava à sua volta com um simples toque, o que a levou a ser presa numa cela.

Todo dia era escuro e igual para Juliette até a chegada de um companheiro de cela, Adam. Dentro do cubículo escuro, Juliette não tinha notícias do mundo lá fora. Adam ia atualizando-a de tudo.

Juliette não entendeu bem o que estava acontecendo quando foi retirada daquela cela e supostamente libertada, ao lado de Adam, e se vê em uma encruzilhada, com a possibilidade de retomar sua vida, mas por caminhos tortuosos e totalmente desconhecidos.

“Estilhaça-me” é um romance fantástico, que intriga, angustia e prende o leitor até a última página com uma história surreal que mistura amor, medo, aventura e mistério e traz um desfecho surpreendente.

Liberta-me (lançamento)



Liberta-me é o segundo livro da trilogia de Tahereh Mafi. Se no primeiro, Estilhaça-me, importava garantir a sobrevivência e fugir das atrocidades do Restabelecimento, em Liberta-me é possível sentir toda a sensibilidade e tristeza que emanam do coração da heroína, Juliette.

Abandonada à própria sorte, impossibilitada de tocar qualquer ser humano, Juliette vai procurar entender os movimentos de seu coração, a maneira como seus sentimentos se confundem e até onde ela pode realmente ir para ter o controle de sua própria vida. Uma metáfora para a vida de jovens de todas as idades que também enfrentam uma espécie de distopia moderna, em que dúvidas e medos caminham lado a lado com a esperança, o desejo e o amor.

A bela escrita de Tahereh Mafi está de volta ainda mais vigorosa e extasiante.

Copyright © 2012 by Tahereh Mafi
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição: Edgar Costa Silva
Preparação de Texto: Alline Salles
Diagramação ePUB: Brendon Wiermann

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mafi, Tahereh

Destrua-me / Tahereh Mafi; [tradução Maria Angela Amorim de Paschoal]. — Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: Destroy me

ISBN 978-85-8163-029-8

Ficção norte-americana I. Título.

12-00226 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
Ficção: Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Prólogo

Atiraram em mim.

E por incrível que pareça, um ferimento a bala dói muito mais do que eu havia imaginado.

Minha pele está fria e pegajosa, estou fazendo um esforço enorme para respirar. A dor no meu braço direito é excruciante, e tenho dificuldade em me concentrar. Tento fechar os olhos com força, ranger meus dentes, e me forço a prestar atenção.

O caos é insuportável.

Várias pessoas estão gritando e muitas delas estão me tocando, e desejo que alguém remova aquelas mãos do meu corpo. Elas não param de gritar — Senhor! — como se ainda estivessem esperando por mim para lhes dar ordens, como se não soubessem o que fazer sem minha ajuda. Perceber isso me deixa exausto.

— Senhor, pode me escutar? — Outro grito. Mas desta vez, uma voz que não detesto.

— Senhor, por favor, está me escutando...

— Levei um tiro, Delalieu. — É o que consigo balbuciar. Abro meus olhos. Vejo seus olhos marejados. — Não estou surdo.

De repente todo o barulho desaparece. Os soldados se calam. Delalieu me olha. Preocupado.

Dou um suspiro.

— Me leva de volta — digo a ele, me mexendo um pouco. Parece que o mundo está rodando, mas de repente se estabiliza. — Alerte os médicos e peça que preparem um leito para a nossa chegada. Enquanto isso suspenda meu braço, e continue a pressionar diretamente no ferimento. A bala trincou ou quebrou alguma coisa e vou precisar de cirurgia.

Delalieu não diz nada por um momento longo demais.

— É bom saber que está bem, senhor. — Sua voz parece nervosa, trêmula. — É bom ver que o senhor está bem.

— Isso foi uma ordem, tenente.

— Claro — ele responde prontamente, com a cabeça curvada. — Certamente, senhor. Como devo instruir os soldados?

— Encontre-a — digo a ele. Está ficando cada vez mais difícil falar. Respiro com dificuldade e passo uma mão trêmula pela minha testa. Estou transpirando copiosamente, e esse fato não me passa despercebido.

— Sim, senhor. — Ele tenta me levantar, mas eu seguro seu braço.

— Uma última coisa.

— Senhor?

— Kent — digo, minha voz parece desigual agora. — Faça com que eles o deixem vivo para mim.

Delalieu ergue os olhos, arregalados.

— O soldado Adam Kent, senhor?

— Sim. — Olho dentro de seus olhos. — Eu mesmo quero lidar com ele.

Capítulo 1

Delalieu está parado aos pés da minha cama com uma prancheta na mão.

Sua visita é a segunda que recebo esta manhã. A primeira foi dos meus médicos, que confirmaram que correu tudo bem na cirurgia. De acordo com eles, se eu ficar em repouso esta semana, as novas medicações que me deram devem acelerar o processo de cura. Também disseram que eu poderia retornar às minhas atividades diárias em breve, mas iria precisar usar uma tipoia por um mês, no mínimo.

Disse a eles que era uma teoria interessante.

— Minhas calças, Delalieu. — Estou sentado, tentando estabilizar minha cabeça devido aos enjoos provocados pelos remédios. Meu braço direito não serve para nada agora.

Ergo meus olhos. Delalieu está me encarando sem piscar. Seu pomo de adão está se movendo para cima e para baixo.

Seguro um suspiro.

— O que é? — Uso meu braço esquerdo para me apoiar no colchão e me obrigo a me endireitar. Reúno toda a energia que me sobrou e consigo me segurar na beirada da cama. Faço um sinal com a mão para afastar Delalieu e evitar que ele venha me ajudar; fecho os olhos para não sentir a dor e a tontura. — Conte o que aconteceu — digo a ele. — Não faz sentido prolongar as más notícias.

Sua voz hesita ao declarar:

— O soldado Adam Kent escapou, senhor.

Meus olhos piscam e fica tudo branco sob minhas pálpebras.

Respiro fundo e tento passar a mão boa pelos meus cabelos. Eles estão ásperos e cobertos pelo que parece ser terra misturada com meu próprio sangue. Fico tentado a dar um soco na parede com o punho que me restou.

Ao invés disso, faço uma pausa para me recompor.

De repente percebo com mais nitidez tudo o que se passa à minha volta, os cheiros, os pequenos ruídos e os passos do lado de fora da porta. Detesto essas calças de algodão áspero que colocaram em mim. Detesto não estar usando meias. Quero tomar um banho. Quero me trocar.

Quero colocar uma bala na coluna vertebral de Adam Kent.

— Pistas — exijo. Vou em direção ao banheiro e estremeço só em sentir o ar gelado em contato com minha pele; ainda estou sem camisa. Tento me manter calmo. — Não me diga que me trouxe essa informação sem fornecer nenhuma pista.

Minha mente parece um armário onde estão, cuidadosamente, organizadas as emoções humanas. Quase posso ver meu cérebro funcionando, armazenando pensamentos e imagens. Ponho de lado as coisas que não me são úteis. Me concentro apenas no que precisa ser feito: os componentes básicos de sobrevivência e a infinidade de coisas que preciso fazer durante o dia.

— É claro — Delalieu responde. O medo em sua voz me incomoda um pouco; tento deixar isso de lado. — Sim, senhor — ele diz —, nós acreditamos saber para onde ele deve ter ido e temos motivo para acreditar que o soldado Kent e a — e a garota — bem, como o soldado Kishimoto também fugiu — temos razão para acreditar que eles estão juntos, senhor.

Os compartimentos do meu cérebro estão rangendo para se abrir. Lembranças. Teorias. Sussurros e sensações.

Empurro tudo para longe.

— Claro que sim. — Sacudo a cabeça. Me arrependo. Fecho meus olhos novamente para evitar a tontura repentina. — Não me dê uma informação que eu mesmo já deduzi — consigo dizer. — Quero algo concreto. Me dê uma pista real, tenente, ou só me procure quando tiver uma.

— Um carro — ele completa rapidamente. — Notificaram o roubo de um carro, senhor, e conseguimos rastreá-lo a um local desconhecido, mas então ele desapareceu do radar. Foi como se tivesse deixado de existir, senhor.

Ergo os olhos. Estou atento ao que ele diz.

— Seguimos as pistas que ele deixou no nosso radar — ele diz, falando com

mais calma agora — e elas nos levaram a um trecho isolado, a um enorme terreno baldio. Vasculhamos a área e não encontramos nada.

— É alguma coisa, pelo menos. — Massageio o pescoço, lutando contra a fraqueza que sinto dentro dos meus ossos. — Encontro você na Sala L em uma hora.

— Mas, senhor — ele comenta, os olhos presos no meu braço —, o senhor vai precisar de assistência médica — está em tratamento — vai precisar de ajuda para se recuperar...

— Está dispensado.

Ele hesita.

Então concorda:

— Sim, senhor.

Capítulo 2

Consigo tomar banho sem desmaiar.

Foi um banho de gato, com a esponja, mas mesmo assim me sinto melhor. Tenho uma tolerância extremamente baixa para a desordem; ela ofende meu ser. Tomo banho diariamente. Faço seis refeições ao dia. Dedico duas horas todos os dias para treinamento e exercícios físicos. E detesto andar descalço.

No entanto, estou aqui parado agora, nu, faminto, cansado e descalço no meu closet. Isso não é nada bom.

Meu closet é separado em várias seções. Camisas, gravatas, calças, blazers, e botas. Meias, luvas, cachecóis e casacos. Tudo arrumado de acordo com a cor, e depois com os tons de cada cor. Cada peça de roupa guardada aqui foi escolhida meticulosamente, e feita sob medida para servir perfeitamente no meu corpo. Não me sinto eu mesmo até estar completamente vestido; faz parte de quem eu sou e de como começo o dia.

Agora não tenho a mínima ideia do que devo vestir.

Minhas mãos tremem ao pegar um vidrinho azul que me deram essa manhã. Coloco duas das pílulas quadradas na minha língua e as deixo dissolver. Não tenho certeza para que elas servem; só sei que ajudam a recuperar o sangue que perdi. Me encosto na parede até minha cabeça clarear e sentir mais força nos pés.

Isso, uma tarefa tão simples. Está sendo um obstáculo que eu não esperava.

Primeiro coloco as meias; um prazer simples que exige mais esforço do que atirar num homem. Por um instante penso no que os paramédicos fizeram com as minhas roupas. *As roupas,* digo a mim mesmo, *apenas roupas*; estou me concentrando apenas nas roupas agora.

Nada mais. Nenhum outro detalhe.

Botas. Meias. Calças. Suéter. Meu casaco militar com tantos botões.

Tantos botões que ela arrancou.

É um pequeno lembrete, mas o suficiente para me atingir.

Tento afastar essas lembranças, mas elas não querem ir embora, e quanto mais eu tento ignorá-las, mais elas se multiplicam num monstro que não pode ser subjugado. Não percebo que caí de encontro à parede, até sentir a friagem subindo pela minha pele; estou respirando com dificuldade e apertando os olhos com força para afastar a repentina onda de humilhação.

Eu sabia que ela estava assustada, até mesmo apavorada, mas nunca pensei que esses sentimentos fossem relacionados diretamente a mim. Eu tinha acompanhado sua evolução durante aquele tempo que passamos juntos; à medida que as semanas passavam ela parecia cada vez mais à vontade. Mais feliz. Tranquila.

Tinha chegado a pensar que ela havia vislumbrado um futuro para nós dois; que ela desejava estar ao meu lado, mas simplesmente achava isso impossível.

Nunca tinha suspeitado que o motivo por trás de sua recém-descoberta felicidade estivesse relacionado a Kent.

Passei a mão na ferida do meu rosto; cobri minha boca. As coisas que eu havia dito a ela.

Uma respiração entrecortada.

O modo como a toquei.

Meu rosto enrijece.

Se fosse apenas uma atração sexual, tenho certeza que não sentiria uma humilhação tão insuportável. Mas eu queria muito mais do que apenas seu corpo.

De repente imploro para minha mente se concentrar apenas nas paredes. Paredes. Paredes brancas. Blocos de concreto. Cômodos vazios. Espaços abertos.

Construo paredes até que elas começam a desmoronar, e então me forço a construir outras para ocuparem seu lugar. Construo e construo e fico sem me mover até minha mente estar limpa, desinfetada, não contendo nada mais que um pequeno cômodo branco. Uma única lâmpada pendurada no teto.

Limpo. Intocado. Intacto.

Pisco para afastar a avalanche que está prestes a inundar o pequeno mundo que

construí; engulo com força o medo que sobe pela minha garganta. Empurro as paredes criando mais espaço no cômodo, para poder respirar com mais facilidade. Até ser capaz de ficar em pé.

Às vezes desejo sair por uns instantes do meu corpo. Quero poder deixar para trás esse corpo cansado, mas minhas correntes são tantas, a carga pesada demais. Essa vida é tudo o que me sobrou. E eu sei que não serei capaz de me olhar no espelho pelo resto do dia.

Subitamente fico revoltado comigo mesmo. Tenho que sair daqui o mais rápido possível, ou meus pensamentos irão se rebelar contra mim. Tomo uma decisão apressada pela primeira vez, presto pouca atenção ao que estou vestindo. Coloco um par de calças limpas e saio sem camisa. Enfio meu braço sadio na manga de um blazer e deixo o outro ombro cobrir a tipoia que segura meu braço ferido. Estou ridículo vestido assim, mas amanhã encontrarei uma solução.

Antes tenho que sair desse quarto.

Capítulo 3

Delalieu é a única pessoa que não me odeia.

Ele ainda passa a maior parte do tempo na minha presença se curvando de medo, mas, de certa forma, não está a fim de me derrubar. Posso sentir isso, apesar de não entender. Provavelmente ele é a única pessoa neste prédio que está feliz por eu não ter morrido.

Levanto a mão para afastar os soldados que se apressam em minha direção quando abro a porta. É preciso muita concentração para que meus dedos não tremam quando limpo o brilho da transpiração que cobre minha testa, mas não vou me permitir um momento de fraqueza. Esses homens não temem pela minha segurança; eles querem apenas olhar mais de perto o triste espetáculo que me tornei. Eles querem ser os primeiros a ver as rachaduras na minha sanidade. Mas eu não tenho a menor vontade de virar um objeto de curiosidade.

Meu trabalho é liderar.

Levei um tiro; não será fatal. Há outras coisas para serem resolvidas; eu irei resolvê-las.

Esse ferimento será esquecido.

O nome dela não mais será mencionado.

Meus dedos cerram e descerram enquanto caminho em direção à Sala L. Nunca havia percebido como esses corredores eram compridos e a quantidade de soldados que se alinhavam nos saguões. Não há como evitar os olhares curiosos e sua decepção pelo fato de eu não ter morrido. Nem preciso olhar para eles para saber o que estão pensando. Mas saber como eles se sentem me deixa ainda mais determinado a viver uma vida longa.

Não vou dar a satisfação da minha morte a ninguém.

— Não — recuso o chá e o café pela quarta vez. — Não bebo cafeína, Delalieu. Por que você sempre insiste em servir isso às refeições?

— Pensei que o senhor pudesse mudar de ideia, senhor.

Ergo os olhos. Delalieu está dando aquele sorriso estranho, vacilante. E eu não tenho certeza, mas acho que ele acabou de fazer uma piada.

— Por quê? — Estendo a mão para pegar um pedaço de pão. — Sou perfeitamente capaz de ficar de olhos bem abertos. Só um idiota iria depender da energia de um grão ou de uma folha para ficar acordado durante todo o dia.

Delalieu não está mais sorrindo.

— Sim — ele diz. — Com certeza, senhor. — E olha para sua própria comida. Vejo quando ele afasta sua xícara de café com os dedos.

Coloco o pão de volta no meu prato.

— Minhas convicções — digo para ele, num tom manso dessa vez — não deveriam influenciar as suas com tanta facilidade. Você deve defender suas ideias, Delalieu. Formular argumentos claros e lógicos. Mesmo que eu discorde.

— Claro, senhor — ele murmura. Ele não diz nada por alguns segundos, mas então vejo que ele pega a xícara de café novamente.

Delalieu.

Acho que ele é meu único parceiro para conversas.

Ele foi designado para esse setor pelo meu pai e, desde então, recebeu ordens para continuar aqui até que não seja mais capaz de trabalhar. E embora ele seja provavelmente uns quarenta e cinco anos mais velho do que eu, ele insiste em trabalhar diretamente sob meu comando. Conheço Delalieu desde que eu era criança; costumava vê-lo em nossa casa, participando das muitas reuniões que aconteciam lá nos anos anteriores ao Restabelecimento tomar o controle.

Havia incontáveis reuniões na minha casa.

Meu pai estava sempre planejando coisas, fomentando discussões e conversas sussurradas das quais nunca pude participar. Os homens que compareciam àqueles encontros são os que estão no poder do mundo agora, então, quando olho para Delalieu não consigo deixar de pensar por que ele nunca ambicionou coisas mais importantes. Ele fez parte desse regime desde o início, mas, de certa

forma, parece satisfeito em morrer como sempre foi. É sua escolha continuar subserviente, mesmo quando lhe dou a oportunidade de expressar sua opinião; ele se recusa a ser promovido, mesmo quando lhe ofereço um aumento de salário. E embora aprecie sua lealdade, sua dedicação me enerva. Ele parece não almejar nada que já não possua.

Eu não deveria confiar nele.

Ainda assim, eu confio.

Mas comecei a enlouquecer por falta de um papo amigo. Não posso manter nada mais além de uma distância fria dos meus soldados, não apenas porque eles querem me ver morto, mas também porque tenho responsabilidades como líder, e tenho de tomar decisões imparciais. Estou condenado a uma vida de solidão, uma na qual não tenho companheiros, e viver apenas na minha mente. Procurei construir em mim mesmo um líder temido, e fui bem-sucedido; ninguém questionará minha autoridade ou expressará uma opinião contrária à minha. Ninguém fala comigo a não ser como o comandante-chefe e regente do Setor 45. Amizade não é uma coisa que eu já vivenciei. Nem como criança, nem agora.

Exceto.

Há um mês, abri uma exceção a essa regra. *Houve* uma pessoa que me olhava diretamente nos olhos. A mesma pessoa que falava comigo sem censura, alguém que não tinha medo de expressar raiva e sentimentos verdadeiros e puros na minha presença; a única que já ousou me desafiar, que já levantou a voz para mim...

Aperto os olhos com força pelo que parece ser a décima vez num só dia. Solto meu punho em volta do garfo e o deixo cair sobre a mesa. Meu braço começou a latejar novamente e tento alcançar as pílulas que estão guardadas no meu bolso.

— O senhor não deveria tomar mais do que oito comprimidos num período de vinte e quatro horas, senhor.

Abro a tampa e jogo mais três pílulas na boca. Realmente gostaria que minhas mãos parassem de tremer. Meus músculos estão contraídos, tensos demais. Muito esticados.

Não espero as pílulas derreterem. Mastigo uma a uma, triturando seu amargor. Tem algo de nojento nelas, um sabor metálico que me ajuda a concentrar.

— Me fale sobre Kent.

Delalieu derruba sua xícara de café.

Os ajudantes da sala de jantar haviam se retirado a meu pedido; Delalieu não recebe ajuda de ninguém quando se atrapalha para limpar a bagunça. Fico recostado na cadeira, olhando para a parede atrás dele, calculando os minutos que perdi hoje.

— Deixe o café.

— Eu... sim, é claro, desculpe, senhor.

— Pare com isso.

Delalieu deixa cair os guardanapos ensopados. Suas mãos estão paralisadas, pairando sobre seu prato.

— Fale.

Observo sua garganta se mexer quando ele engole em seco e hesita.

— Não sabemos, senhor — ele murmura. — Deveria ser impossível encontrar aquele prédio, muito menos entrar lá. Ele está trancado e suas travas enferrujadas. Porém, quando o encontramos — ele diz —, quando o encontramos, estava... a porta havia sido destruída. E não temos certeza como conseguiram fazer isso.

Me sento.

— O que você quer dizer com *destruída*?

Ele sacode a cabeça.

— Foi... muito estranho, senhor. A porta havia sido... destroçada. Como se um animal a tivesse dilacerado com suas garras. Sobrou apenas um enorme buraco no meio da armação.

Me levanto rápido demais, segurando na mesa para me apoiar. Mal consigo respirar ao pensar nisso, na possibilidade do que deve ter acontecido. E não posso evitar o prazer doloroso de lembrar seu nome uma vez mais, porque eu sei que deve ter sido ela. Ela deve ter feito algo extraordinário, e eu nem estava lá para testemunhar.

— Chame o transporte — ordeno a ele. — Encontrarei você no Quadrante em exatamente dez minutos.

— Senhor?

Já estou saindo pela porta.

Capítulo 4

A porta está estraçalhada ao meio. Exatamente como se feito por um animal. É verdade.

Para um observador despreparado, essa seria a única explicação, mas nem assim isso faria sentido. Nenhum animal vivo poderia destroçar todas essas camadas de aço reforçado sem amputar seus próprios membros.

E ela não é um animal.

Ela é uma criatura meiga e mortal. Gentil, tímida e assustadora. Ela está completamente fora de controle e não tem nem ideia do que é capaz de fazer. E muito embora me odeie, não consigo deixar de estar fascinado por ela. Estou encantado pela sua pretensa inocência; até mesmo invejoso do poder que ela detém tão despretensiosamente. Queria tanto fazer parte do seu mundo. Quero saber o que se passa na sua mente, sentir o que ela sente. Deve ser um peso terrível de se carregar.

E agora, ela está solta lá fora, em algum lugar, liberta na sociedade.

Que belo desastre.

Deslizo meus dedos pelas bordas farpadas do buraco, com cuidado para não me cortar. Não houve nenhum planejamento naquilo, nenhuma premeditação. Somente um fervor angustiante, aparentemente pronto a destruir essa porta. Fico imaginando se ela sabia o que estava fazendo quando tudo aconteceu, ou se foi simplesmente tão inesperado para ela como naquele dia que rompeu aquela parede de concreto para chegar a mim.

Tenho que segurar um sorriso. Imagino o que ela se lembra daquele dia. Todo soldado com o qual trabalhei passou por uma simulação sabendo exatamente o que esperar, mas, propositadamente, ocultei os detalhes dela. Acreditava que a experiência deveria ser a mais realista possível; esperava que os elementos realistas disponíveis fossem conferir autenticidade ao evento. Mais do que qualquer outra coisa, queria que ela tivesse uma oportunidade para explorar sua

verdadeira natureza — exercitar sua força num espaço seguro — e, devido ao seu passado, eu sabia que uma criança seria a motivação perfeita. Mas nunca poderia ter previsto resultados tão revolucionários. Seu desempenho foi além de todas as minhas expectativas. E embora eu quisesse discutir os efeitos com ela mais tarde, quando a encontrei ela já estava planejando sua fuga.

Meu sorriso fraqueja.

— Gostaria de entrar, senhor? — A voz de Delalieu me traz de volta ao presente. — Não há muito para se ver lá dentro, mas é interessante perceber que o buraco é do tamanho exato para alguém poder passar. Parece claro para mim, senhor, qual era o objetivo.

Aceno com a cabeça, distraído. Meus olhos catalogam cuidadosamente as dimensões do buraco; tento imaginar como deve ter sido para ela estar aqui, tentando abrir passagem. Desejo desesperadamente conversar com ela sobre tudo isso.

Meu coração dá um salto repentino.

Lembro mais uma vez que ela não está mais comigo. Ela não vive mais na base.

A culpa por ela ter partido é minha. Acreditei que ela estava finalmente indo bem, e isso atrapalhou minha avaliação. Eu deveria estar prestando mais atenção aos detalhes. Aos meus soldados. Perdi a noção de quais eram meus objetivos e minha maior razão; o verdadeiro motivo de trazê-la para a base. Fui um idiota. Descuidado.

Mas a verdade é que eu estava distraído.

Por ela.

Quando ela chegou, era tão teimosa e infantil, mas à medida que as semanas passaram ela pareceu se adaptar; parecia menos ansiosa, e de certo modo estava menos assustada. Tento me lembrar de que seus progressos não tiveram nada a ver comigo.

Tinham a ver com Kent.

Uma traição que de algum modo parecia impossível. Que ela fosse me trocar por um ser robótico, um idiota sem sentimentos como o Kent. Seus pensamentos são tão vazios, tão sem sentido; é como conversar com uma lâmpada de mesa. Não entendo o que ele pode ter oferecido a ela, o que ela deve ter visto nele, a não ser

como um instrumento de fuga.

Ela ainda não entendeu que não há futuro para ela no mundo das pessoas comuns. Ela não tem lugar na companhia de pessoas que nunca a entenderão. E eu tenho que pegá-la de volta.

Só percebo que disse essas últimas palavras em voz alta quando Delalieu diz:

— Temos tropas por todo o setor procurando por ela — ele explica. — E já alertamos os setores vizinhos, no caso do grupo deles atravessar...

— O que? — Dou meia volta, minha voz baixa e ameaçadora. — O que você acabou de dizer?

O rosto de Delalieu se transformou numa máscara branca.

— Fiquei inconsciente por uma noite! E vocês já alertaram os outros setores dessa *catástrofe*...

— Imaginei que o senhor quisesse encontrá-los, senhor, e pensei, se eles forem buscar refúgio em algum outro lugar...

Faço uma pausa para respirar, para me concentrar.

— Sinto muito, senhor, achei que seria mais seguro...

— Ela está com dois dos meus próprios soldados, tenente. Nenhum deles é tão burro a ponto de levá-la para outro setor. Eles não têm nem as ferramentas, nem a permissão para poder atravessar a fronteira do setor.

— Mas...

— Eles partiram há um dia. Estão terrivelmente feridos e precisam de ajuda. Estão viajando a pé e com um veículo roubado fácil de ser rastreado. Qual a distância — pergunto a ele, a frustração aparecendo na minha voz — que eles devem ter percorrido?

Delalieu não diz nada.

— Você enviou um alerta nacional. Notificou múltiplos setores, o que significa que o país todo sabe agora o que aconteceu. Isso significa que as Capitais receberam a notícia. O que significa isso? — Cerro os punhos. — O que acha que isso significa, tenente?

Por um instante ele não consegue dizer nada.

Então:

— Senhor — ele fala sobressaltado. — Por favor, me perdoe.

Capítulo 5

Delalieu me segue até minha porta.

— Junte as tropas no Quadrante amanhã às dez horas — digo a ele como forma de despedida. — Terei que fazer um pronunciamento sobre esses acontecimentos recentes o melhor que puder.

— Sim, senhor — Delalieu responde. Ele não ergue os olhos. Ele não me olha nos olhos desde que saímos do depósito.

Tenho outras coisas com que me preocupar.

Sem contar a estupidez de Delalieu, existe uma infinidade de outras coisas que preciso cuidar no momento. Não posso me permitir mais problemas, e não posso me distrair. Não por ela. Não por Delalieu. Nem por ninguém. Tenho que me concentrar.

Esse é um momento horrível para ter um ferimento à bala.

Notícias da nossa situação já se espalharam em nível nacional. Civis e setores vizinhos agora estão cientes da nossa pequena rebelião, e temos que abafar os rumores o mais rápido possível. De algum modo, tenho que neutralizar os alertas que Delalieu já enviou e, simultaneamente, suprimir qualquer tipo de revolta entre os cidadãos. Eles já estão ansiosos para resistir, e qualquer fagulha de controvérsia irá reacender seu fervor. Muitos deles já morreram e eles ainda parecem não entender que ficar contra o Restabelecimento é atrair ainda mais destruição. Os civis *devem* ser pacificados.

Não quero guerra no meu setor.

Agora, mais do que nunca, preciso estar no controle de mim mesmo e de minhas responsabilidades. No entanto, meu cérebro está disperso, meu corpo cansado e ferido. O dia todo estive prestes a desabar, e não sei o que fazer. Não tenho ideia de como consertar essa bagunça. Essa fraqueza é algo desconhecido para o meu ser.

Em apenas dois dias uma garota conseguiu me incapacitar.

Já tomei mais algumas daquelas pílulas nojentas, mas me sinto ainda mais fraco do que me sentia essa manhã. Pensei que poderia ignorar a dor e a inconveniência de um ombro ferido, mas as complicações se recusam a ceder. Agora estou totalmente dependente do que vai me acompanhar nessas próximas semanas de frustração. Remédios, médicos, horas na cama.

Tudo isso por um beijo.

É quase insuportável.

— Estarei no escritório o resto do dia — digo a Delalieu. — Mande minhas refeições para meu quarto, e não me perturbe, a menos que haja algum novo acontecimento.

— Sim, senhor.

— Isso é tudo, tenente.

— Sim, senhor.



Nem tinha percebido como estava me sentindo doente até a porta do quarto se fechar atrás de mim. Vou cambaleante até a cama e me agarro na beirada para não cair. Estou transpirando novamente e decido tirar o casaco extra que estava usando lá fora para nosso passeio. Arranco o blazer que tinha jogado descuidadamente por cima do meu ombro ferido e caio de costas na cama. De repente estou gelado. Minha mão treme enquanto procuro apertar o botão para chamar o médico.

Preciso que alguém troque os curativos do meu ferimento. Preciso comer algo mais substancial. E, mais do que nunca, preciso de um banho de verdade, o que parece impossível.

Alguém está parado ao meu lado.

Pisco os olhos várias vezes, mas só consigo visualizar o perfil da pessoa. Um rosto fica entrando e saindo de foco várias vezes até que finalmente desisto. Meus olhos se fecham. Minha cabeça parece que vai explodir. A dor está dilacerando meus ossos e subindo pelo meu pescoço; tons vermelhos, amarelos e azuis se mesclam sob minhas pálpebras. Percebo apenas trechos de uma

conversa perto de mim.

— *parece que está surgindo uma febre...*

— *talvez sedá-lo...*

— *quantas ele tomou?...*

Eles vão me matar, eu percebo. É a oportunidade perfeita. Estou fraco e incapaz de me defender, e alguém finalmente chegou para me eliminar. É isso. Meu momento. Chegou. E de certo modo não consigo aceitar o fato.

Dou uma pancada forte em direção às vozes; um som inumano escapa da minha garganta. Algo duro bate no meu punho e cai no chão. Mãos estranhas agarram meu braço direito e me seguram no lugar. Alguma coisa está me prendendo em volta dos tornozelos, do meu punho. Estou me debatendo contra essas novas amarras e chutando o ar como um louco. A escuridão parece estar descendo sobre meus olhos, meus ouvidos, minha garganta. Não consigo respirar, escutar ou enxergar com clareza, e o sufoco desse momento é tamanho e tão apavorante que tenho certeza que enlouqueci.

Alguma coisa fria e pontuda belisca meu braço.

Só tenho um momento para refletir naquela dor antes que ela tome conta de mim.

Capítulo 6

— Juliette — murmuro. — O que está fazendo aqui?

Estou parcialmente vestido, me preparando para meu dia, e ainda é muito cedo para visitas. Essas horas anteriores ao nascer do sol são meus únicos momentos de paz, e ninguém deveria estar aqui. Parece impossível que ela tenha conseguido burlar a vigilância e ter acesso aos meus alojamentos particulares.

Alguém deveria tê-la impedido.

Ao invés disso, ela está parada na minha porta, me olhando. Já a havia visto tantas vezes, mas dessa vez é diferente — estou sentindo uma dor quase física só de olhar para ela. Mas de certo modo ainda me sinto atraído, desejando estar perto dela.

— Me desculpe — ela diz, e está torcendo as mãos e evitando me olhar de frente. — Sinto tanto, tanto.

Observo suas roupas.

É um vestido verde-escuro com mangas justas; um corte simples feito de algodão com lycra que molda as curvas macias do seu corpo. Ele combina com os tons de verde dos olhos dela de um jeito que eu não esperava. É um dos muitos vestidos que escolhi para ela. Achei que iria gostar de ganhar algumas coisas bonitas depois de ter ficado tanto tempo engaiolada como um animal. E não sei bem se consigo explicar, mas sinto um orgulho estranho de ela estar vestindo algo que eu mesmo escolhera.

— Desculpe — ela diz, pela terceira vez.

Mais uma vez fico aturdido em pensar como ela conseguiu chegar aqui. No meu quarto. Olhando para mim enquanto ainda estou sem camisa. Seu cabelo é tão longo que cai até o meio das costas; tenho que me segurar para conter minha vontade de passar as mãos sobre eles. Ela é tão linda.

Não entendo por que está se desculpando.

Ela fecha a porta atrás de si. Caminha em minha direção. Meu coração bate descompassado agora, e não é algo natural para mim. Não costumo reagir desse modo. Não costumo perder o controle. Eu a vejo todos os dias e consigo manter uma aparência de dignidade, mas tem alguma coisa errada; isso não está certo.

Ela está tocando meu braço.

Está deslizando seus dedos pela curva do meu ombro, e o toque da sua pele em contato com a minha me dá vontade de gritar. A dor é intolerável, mas não consigo falar; estou paralisado.

Tenho vontade de dizer para ela parar, para ir embora, mas um pedaço de mim está em conflito. Estou feliz em tê-la perto de mim, mesmo que isso doa, mesmo que isso não faça nenhum sentido. Mas eu não consigo alcançá-la, não posso abraçá-la como sempre quis fazer.

Ela olha para mim.

Ela me examina cuidadosamente com seus olhos azuis-esverdeados e de repente me sinto culpado, sem entender o porquê. Porém, tem algo em seu olhar que me faz sentir insignificante, como se ela houvesse percebido que sou vazio por dentro. Ela descobriu as rachaduras nessa armadura que venho usando há anos, todos os dias, e isso me deixa petrificado.

Essa garota sabia exatamente como me destruir.

Ela pousa as mãos no meu ombro.

E então agarra meu ombro, enfia seus dedos na minha pele como se estivesse tentando rasgá-la. A agonia é tão cega que, dessa vez, chego realmente a gritar. Caio de joelhos à sua frente e ela torce meu braço, girando-o para trás até eu ficar sem fôlego, tentando permanecer calmo, lutando para não me entregar à dor.

— Juliette — falo ofegante —, por favor...

Ela passa a mão livre pelos meus cabelos, joga minha cabeça para trás para que eu seja forçado a encarar seus olhos. E então se curva e se aproxima dos meus ouvidos, seus lábios quase tocando meu rosto.

— Você me ama? — ela sussurra.

— O que? — Respiro fundo. — O que você está fazendo?

— Você ainda me ama? — ela pergunta novamente, seus dedos agora deslizando

pelos contornos do meu rosto, pela linha do meu maxilar.

— Sim — digo a ela. — Ainda a amo.

Ela sorri.

É um sorriso inocente, tão meigo que fico realmente chocado quando suas mãos se apertam em torno do meu braço. Ela torce meu ombro para trás a tal ponto, que tenho certeza que o deslocou. Meus olhos veem faíscas quando ela diz:

— Está quase acabado agora.

— O que? — pergunto, desesperado, tentando olhar em volta. — O que está quase acabado...

— Só um pouco mais e eu vou embora.

— Não — não, não vá —, onde está indo...

— Você vai ficar bem — ela declara. — Eu prometo.

— Não — estou respirando com dificuldade —, não...

Subitamente ela me empurra para frente e eu acordo tão rápido que me falta o ar.

Pisco várias vezes até perceber que eu tinha acordado no meio da noite. Uma escuridão completa me envolve por todos os cantos do quarto. Meu peito está arfando; meu braço está preso e latejando, e eu percebo que o efeito dos medicamentos contra a dor já passou. Tem um pequeno controle remoto preso debaixo da minha mão; aperto o botão para liberar mais uma dose.

Demoro alguns minutos para me estabilizar. Meus pensamentos lentamente se recuperam do pânico.

Juliette.

Não posso controlar um pesadelo, mas seu nome vai ser a única coisa que vou me permitir recordar quando estiver acordado.

A humilhação que sinto não me permite mais que isso.

Capítulo 7

— Bom, isso é embaraçoso. Meu filho, amarrado como um animal.

Estou quase convencido que estou tendo outro pesadelo. Abro meus olhos lentamente; olho para o teto. Não faço nenhum movimento brusco, mas posso sentir a força das correias em volta dos meus punhos e nos dois tornozelos. Meu braço ferido ainda está na tipoia e apoiado no meu peito. E embora a dor no meu ombro ainda esteja lá, já diminuiu bastante. Me sinto mais forte. Até minha mente está mais clara, mais alerta. Mas então sinto o gosto de algo amargo na boca e imagino há quanto tempo estou nessa cama.

— Você realmente achou que eu não ficaria sabendo? — ele pergunta, divertido.

Ele se aproxima da minha cama, seus passos reverberando dentro de mim.

— Você fez Delalieu choramingar desculpas por me incomodar, suplicando para meus homens culpá-lo pela inconveniência dessa visita inesperada. Sem dúvidas, você apavora aquele velho, que está simplesmente fazendo o trabalho dele, quando a verdade é, eu teria descoberto tudo, mesmo sem ele ter me contado. Isso — ele diz — não é o tipo de trapalhada que se pode esconder. Você é um idiota por pensar o contrário.

Sinto um leve puxão nas minhas pernas e percebo que ele está soltando as amarras. O toque da sua mão na minha pele é abrupto e inesperado, e isso mexe alguma coisa dentro de mim, algo obscuro e profundo que me faz sentir fisicamente mal. Sinto o gosto do vômito no fundo da minha garganta. É preciso todo o meu autocontrole para não vomitar em cima dele.

— Sente-se meu filho. Você deve estar bem melhor agora. Não descansou quando deveria, e agora isso foi corrigido. Você está inconsciente há três dias, e eu cheguei aqui há vinte e sete horas. Agora, levante-se. Isso é ridículo.

Ainda estou olhando para o teto. Respirando com dificuldade.

Ele muda de tática.

— Sabe — ele diz com cuidado —, na verdade eu ouvi uma história bem interessante sobre você. — Ele se senta na beirada da minha cama; o colchão range e estala sob o peso dele. — Gostaria de ouvi-la?

Minha mão esquerda começa a tremer. Cerro os dedos sobre os lençóis.

— Soldado 45B-76423. Fletcher, Seamus. — Ele faz uma pausa. — O nome lhe é familiar?

Aperto meus olhos com força.

— Imagine minha surpresa — ele continua — quando escuto que meu filho finalmente fez a coisa certa. Que ele finalmente tomou a iniciativa e dispensou um soldado traiçoeiro que andava roubando dos nossos depósitos de suprimentos. Fiquei sabendo que você lhe deu um tiro na testa. — Uma risada. — Dei os parabéns para mim mesmo. Disse que você tinha finalmente se juntado aos seus, que finalmente aprendeu a liderar corretamente. Fiquei quase orgulhoso. Por isso, fiquei ainda mais surpreso ao saber que a família de Fletcher ainda está viva. — Ele bateu suas mãos uma na outra com força. — É surpreendente, é claro, porque você, entre todos os demais deveria saber as regras. Traidores vêm de famílias de traidores, e uma traição significa morte para todos.

Ele apoia sua mão no meu peito.

Estou levantando muros no meu cérebro novamente. Paredes brancas. Blocos de concreto. Cômodos vazios e espaços abertos.

Não existe nada dentro de mim. Nada lá dentro.

— É engraçado. — Ele continua pensativo agora. — Porque eu disse a mim mesmo que esperaria para discutir isso com você. Mas, de certo modo, *esse* momento parece bem adequado, não acha? — Posso ouvir o sorriso dele. — Dizer a você como estou *desapontado*. Muito embora não possa dizer que esteja surpreso. — Ele dá um suspiro. — Num único mês você perdeu dois soldados, não conseguiu controlar uma garota clinicamente demente, abalou um setor inteiro, e encorajou a revolta entre os cidadãos. E, por incrível que pareça, não estou absolutamente surpreso.

Suas mãos se movem; se demoram nos meus ombros.

Paredes brancas, penso.

Blocos de concreto.

Cômodos vazios. Espaço aberto.

Nada existe dentro de mim. Nada lá dentro.

— Mas o pior de tudo — ele continua — não é o fato de você ter conseguido me humilhar ao subverter a ordem que eu tinha finalmente conseguido estabelecer. Nem que, de algum modo, você conseguiu levar um tiro durante os acontecimentos. Mas que demonstrasse simpatia pela família de um traidor — ele diz, rindo, sua voz num tom feliz e alegre. — Isso é imperdoável.

Meus olhos estão abertos agora, piscando sob a forte luz fluorescente acima da minha cabeça, concentrado nos pontos brancos que borram minha visão. Não vou me mover. Não vou falar.

Suas mãos se fecham em torno da minha garganta.

O movimento é tão abrupto e violento que quase fico aliviado. Uma parte de mim sempre espera que ele vá fazer isso algum dia; que talvez ele realmente me deixe morrer dessa vez. Mas isso nunca acontece. Nunca dura o bastante.

Tortura nunca é tortura quando existe alguma esperança de alívio.

Ele me solta logo e consegue exatamente o que quer. Dou um salto para cima, tossindo e espirrando, finalmente emitindo um som que reconhece sua presença nesse quarto. Meu corpo todo está tremendo agora, meus músculos estão enrijecidos pelo ataque e por ter permanecido imóvel por tanto tempo. Estou suando frio; minha respiração é difícil e dolorida.

— Você tem muita sorte — ele declara, suas palavras suaves demais. Ele está em pé agora, não mais tão perto do meu rosto. — Sorte que eu estava aqui para acertar as coisas. Sorte que eu tive tempo de corrigir seu erro.

Fico paralisado.

O quarto começa a girar.

— Consegui localizar a esposa dele — ele diz. — A esposa de Fletcher e seus três filhos. Acho que eles lhe mandaram lembranças. — Uma pausa. — Bom, isso foi antes que os mandasse matar, então acho que isso não importa muito agora, mas meus homens disseram que eles lhe mandaram um alô. Parece que ela se lembrava de você — ele diz, rindo baixinho. — A esposa. Ela disse que você lhe fez uma visita antes de todo esse... aborrecimento ocorrer. Disse que

você estava sempre visitando os complexos. Se informando sobre os civis.

Murmuro apenas as duas palavras que consigo balbuciar.

— Saia daqui.

— Esse é o meu garoto! — ele diz, acenando a mão na minha direção. — Um tolo dócil e patético. Às vezes fico tão revoltado com você que tenho vontade de eu mesmo lhe dar um tiro. Mas então penso que deve ser isso o que gostaria que eu fizesse, não é? Poder me culpar pela sua própria derrota? E eu penso que não, é melhor deixá-lo morrer pela sua própria estupidez.

Olho para frente sem compreender, meus dedos crispados sobre os lençóis.

— Agora me conte — ele pede —, o que aconteceu com seu braço? Delalieu e os outros homens parecem não ter ideia do que aconteceu.

Não digo nada.

— Envergonhado demais para admitir que foi ferido por um de seus próprios soldados, então?

Fecho meus olhos.

— E quanto à garota? — ele indaga. — Como ela conseguiu escapar? Fugiu com um de seus homens, não foi?

Agarro os lençóis com tanta força que meus punhos começam a tremer.

— Me diga — ele diz, se aproximando dos meus ouvidos. — Como você lidaria com um traidor desse tipo? Vai visitar a família dele também? Ser gentil com a esposa dele?

Não queria dizer isso em voz alta, mas não consigo me segurar dessa vez.

— Vou matá-lo.

Ele dá uma sonora gargalhada que mais parece um uivo. Bate a mão na minha cabeça e bagunça meu cabelo com os mesmos dedos que há pouco apertavam o meu pescoço.

— Muito melhor. Agora levante. Temos trabalho a fazer.

E eu penso que sim, não me importaria de fazer o tipo de trabalho que desapareceria com Adam Kent desse mundo.

Um traidor desse tipo não merece viver.

Capítulo 8

Estou no chuveiro há tanto tempo que perdi a noção do tempo.

Isso nunca me aconteceu antes.

Tudo está fora de lugar, desequilibrado. Estou inseguro quanto às minhas decisões, duvidando de tudo que achei que acreditava, e pela primeira vez na vida, estou genuinamente exausto, acabado.

Meu pai está aqui.

Estamos dormindo sob o mesmo teto; algo que eu esperava não ter que vivenciar novamente. Mas ele está aqui na base, hospedado em seus próprios alojamentos até estar bem seguro antes de partir. O que significa que ele vai resolver nossos problemas, causando estragos no Setor 45. O que significa que estarei reduzido a ser seu fantoche e menino de recados, porque meu pai nunca aparece para ninguém, a não ser para aqueles que está prestes a matar.

Ele é o comandante supremo do Restabelecimento e prefere impor suas ordens anonimamente. Ele viaja para todos os lugares, sempre com o mesmo grupo selecionado de soldados, se comunica apenas através dos seus homens, e somente em raríssimas circunstâncias se afasta da Capital.

Notícias da sua chegada no Setor 45 já se espalharam pela base, e muito provavelmente apavorou meus soldados. Porque sua presença, real ou imaginária, significa apenas uma coisa: tortura.

Há muito tempo não me sentia um covarde.

Mas isso, isso é uma bênção. Esse momento demorado — essa ilusão — de força. Estar fora da cama e ser capaz de tomar um banho: é uma pequena vitória. Os médicos envolveram meu braço ferido num tipo de plástico impermeável para o chuveiro, e eu finalmente me sinto capaz de ficar em pé sozinho. Os enjoos passaram, a tontura foi embora. Eu deveria ser capaz de pensar com mais clareza agora, no entanto, minhas ideias ainda parecem muito confusas.

Me forço para não ficar pensando nela, mas estou começando a perceber que não sou forte o bastante; ainda não, e principalmente quando ainda estou ativamente procurando por ela. Isso se tornou uma impossibilidade física.

Hoje, preciso voltar ao quarto dela.

Preciso procurar nas suas coisas por alguma pista que me ajude a encontrá-la. Os beliches e os armários de Kent e de Kishimoto já foram vasculhados; nada incriminador foi encontrado. Mas ordenei aos meus homens que deixassem o quarto dela — o quarto de Juliette — exatamente como estava. Ninguém, a não ser eu mesmo, tinha permissão para entrar naquele espaço. Não até que eu olhasse tudo antes.

E isso, de acordo com meu pai, seria minha primeira tarefa.



— Isso é tudo, Delalieu. Se precisar de mais alguma coisa eu lhe informo.

Ele está me seguindo por todos os lugares, mais do que habitualmente. Aparentemente ele veio me procurar quando não compareci à reunião que eu mesmo havia agendado há dois dias, e teve o prazer de me encontrar delirante e enlouquecido. Não sei como, mas ele conseguiu se culpar por tudo isso.

Se fosse outra pessoa, eu o teria rebaixado.

— Sim, senhor. Desculpe, senhor. E por favor, me perdoe — nunca pretendi causar nenhum problema adicional...

— Está tudo bem, tenente.

— Sinto muito, senhor — ele murmura. Seus ombros caem. Sua cabeça se curva.

Suas desculpas estão me deixando incomodado.

— Faça as tropas se reagruparem às 13 horas. Devido a esses novos acontecimentos, preciso me dirigir a eles.

— Sim, senhor — ele diz. Acena com a cabeça sem levantar o olhar.

— Está dispensado.

— Senhor. — Ele faz continência e desaparece.

Estou sozinho em frente à porta do quarto dela.



Engraçado como fiquei acostumado a visitá-la aqui; como sentia uma sensação estranha de aconchego ao saber que ela e eu estávamos vivendo no mesmo prédio. Sua presença aqui na base mudou tudo para mim; as semanas que ela passou aqui foram as primeiras em que eu realmente tive prazer em morar nesses alojamentos. Eu aguardava ansiosamente por suas explosões. Seus ataques de raiva. Seus argumentos ridículos. Gostava quando ela gritava comigo; eu a teria parabenizado se ela tivesse chegado a me dar um tapa na cara. Estava sempre a provocando, brincando com suas emoções. Queria que ela entrasse em contato com a garota que havia dentro dela, aprisionada pelo medo. Queria que ela se libertasse das suas próprias amarras.

Porque apesar de ela aparentar timidez dentro dos limites do seu isolamento, aqui fora — no meio do caos, destruição — eu sabia que ela se tornaria algo completamente diferente. Estava apenas à espera. Cada dia esperando pacientemente que ela entendesse a dimensão do seu novo potencial; sem nunca ter percebido que a havia deixado aos cuidados do único soldado que poderia roubá-la de mim.

Eu deveria me matar por isso.

Ao invés disso, abro a porta.

Quando atravesso o umbral, o painel desliza e se fecha às minhas costas. Me vejo sozinho, parado aqui, no último lugar que ela tocou. A cama está desfeita e bagunçada, as portas do armário escancaradas, a janela quebrada, temporariamente fechada com fita crepe. Sinto uma dor profunda e nervosa no meu estômago que prefiro ignorar.

Concentração.

Entro no banheiro e examino seus artigos de higiene, os armários, até mesmo dentro do chuveiro.

Nada.

Volto para a cama e passo a mão sobre o edredom amarrotado, os travesseiros empelotados. Demoro um pouco para avaliar a evidência de que ela esteve presente nesse quarto, e arranco as roupas da cama. Lençóis, fronhas, edredom e colcha; tudo jogado ao chão. Examino minuciosamente cada centímetro dos travesseiros, do colchão, e da estrutura da cama, e novamente não encontro nada.

A mesinha de cabeceira. Nada.

Debaixo da cama. Nada.

As luminárias, o papel de parede, cada peça de roupa no seu armário. Nada.

Somente quando estou me dirigindo à porta é que toco algo com meus pés. Olho para baixo. Ali, preso debaixo da minha bota está um retângulo grosso, desbotado. Um caderninho simples e despretensioso que cabia na palma da minha mão.

E fico tão surpreso que por um momento não consigo nem me mexer.

Capítulo 9

Como posso ter esquecido?

Este caderninho estava no seu bolso no dia que ela estava preparando a fuga. Eu o tinha encontrado um pouco antes de Kent colocar uma arma na minha cabeça, e em algum momento durante aquele caos, devo tê-lo deixado cair. E chego à conclusão que era isso o que estava procurando aquele tempo todo.

Me curvo para pegá-lo, retirando cuidadosamente as lascas e os cacos de vidro das suas páginas. Minha mão não está firme, meu coração está martelando nos meus ouvidos. Não tenho ideia do que ele pode conter. Fotos. Mensagens. Pensamentos embaralhados e ideias ainda malformadas.

Podia ser qualquer coisa.

Viro o caderninho na minha mão, meus dedos se lembrando da superfície áspera e gasta. A capa tem um tom de marrom apagado, mas não posso afirmar se foi manchado pelo uso ou pelo tempo, ou se sempre foi dessa cor. Imagino há quanto tempo ela o possui. Onde será que ela o adquiriu.

Dou um passo em falso para trás, minhas pernas batem na cama. Meus joelhos cedem, e me seguro na ponta do colchão. Respiro fracamente e fecho meus olhos.

Eu tinha visto uma filmagem do período que ela passou no hospício, mas foi completamente inútil. A iluminação era muito fraca; a pequena janela mal conseguia clarear os cantos escuros do quarto dela. Ela era frequentemente apenas uma forma indistinta; uma sombra escura que poderia passar sem ser notada. Nossas câmeras só serviam para detectar seus movimentos — e talvez num momento de sorte, quando o sol a iluminava pelo ângulo certo —, mas ela raramente se movia. Na maior parte do tempo ela ficava sentada parada, muito quieta, na sua cama ou num canto escuro. Ela quase nunca falava. E quando o fazia, nunca era com palavras. Ela falava somente em números.

Contando.

Havia algo de surreal nela, sentada ali. Não conseguia nem ver seu rosto; não era capaz de discernir o contorno do seu corpo. Mesmo assim ela me fascinava. Que ela pudesse ser tão calma, tão quieta. Ela se sentava num lugar durante horas de uma vez, imóvel, e sempre imaginei o que se passava em sua mente, o que ela poderia estar pensando, como ela podia existir num mundo assim solitário. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria que ela falasse.

Estava desesperado para ouvir sua voz.

Sempre desejei que ela falasse uma língua que eu pudesse entender. Pensei que poderíamos começar com algo simples. Talvez algo ininteligível. Mas a primeira vez que a peguei falando frente à câmera, não consegui afastar meu olhar dela. Fiquei sentado ali, parado, com os nervos tensionados, quando ela tocou a parede com a mão e contou.

4.572.

Observei enquanto ela contava. Até 4.572.

Demorou cinco horas.

Só mais tarde percebi que ela estava contando suas próprias respirações.

Não consegui deixar de pensar nela depois disso. Eu estava disperso bem antes de ela chegar à base, constantemente pensando no que ela estava fazendo e se ela iria falar novamente. Se estava contando em voz alta, ou estava contando na sua cabeça. Será que ela já havia pensado em letras? Sentenças completas? Estava com raiva? Triste? Por que ela parecia tão calma para uma garota que havia sido considerada um animal perturbado e temperamental. Era um truque?

Eu tinha visto todos os relatórios documentando os momentos críticos de sua vida. Tinha lido todos os detalhes dos seus históricos médicos e policiais; tinha colocado em ordem as reclamações da escola, as anotações dos médicos, sua sentença oficial emitida pelo Restabelecimento, e até mesmo o questionário do hospício respondido por seus pais. Sabia que ela tinha sido retirada da escola aos 14 anos, que havia passado por uma série de testes e sido forçada a tomar várias — e perigosas — drogas experimentais, além de se submeter a sessões de eletrochoque. Em dois anos ela havia entrado e saído de nove diferentes centros de detenção juvenil e foi examinada por mais de cinquenta médicos diferentes. Todos eles a descreveram como um monstro. Chamaram-na de um perigo para a sociedade e uma ameaça à humanidade. Uma garota que iria destruir nosso mundo e já tinha começado assassinando uma criança pequena. Aos 16 anos,

seus pais sugeriram que ela fosse internada. E foi o que aconteceu.

Nada disso fazia sentido para mim.

Uma garota rejeitada pela sociedade, pela sua própria família — ela devia ter muitos sentimentos reprimidos. Raiva. Depressão. Ressentimento. Onde estava tudo isso?

Ela não era nada parecida com os outros pacientes do hospício — aqueles que eram realmente perturbados. Alguns passavam horas se lançando contra a parede, quebrando osso e fraturando crânios. Outros eram tão perturbados que rasgavam a própria pele até tirar sangue, literalmente se rasgando em pedaços. Alguns conversavam consigo mesmos em voz alta, dando risadas, cantando e discutindo. A maioria rasgava as próprias roupas, satisfeitos em dormir e ficar despidos na sua própria sujeira. Ela era a única que tomava banho com regularidade ou lavava as próprias roupas. Fazia suas refeições calmamente, sempre comendo tudo que lhe ofereciam. E passava a maior parte do tempo olhando pela janela.

Ela ficou trancafiada por 264 dias e não perdeu seu senso de humanidade. Queria saber como ela conseguiu reprimir tanta coisa; como ela adquiriu tanta calma exterior. Pedi uma análise do seu comportamento em relação aos outros pacientes, porque queria fazer uma comparação. Queria saber se seu comportamento era normal.

Não era.

Observei o perfil modesto dessa garota que eu não podia ver nem conhecer, e senti um respeito enorme por ela. Passei a admirá-la e invejar sua calma — sua tranquilidade perante tudo a que foi forçada a enfrentar. Não sei se entendi exatamente o que era que estava sentindo naquela época, mas sabia que a queria toda para mim.

Queria conhecer seus segredos.

E então um dia, ela se levantou na sua cela e caminhou até a janela. Era de manhã bem cedo, o sol havia acabado de nascer; pela primeira vez pude vislumbrar seu rosto. Ela pressionou a palma da mão na janela e sussurrou duas palavras, só uma vez.

Me perdoa.

Aperto o botão para retroceder a fita várias vezes.

Nunca poderia contar a ninguém que estava incrivelmente fascinado por ela. Tinha que inventar falsos motivos, uma indiferença aparente — uma arrogância — em relação a ela. Ela seria nossa arma e nada mais, apenas um instrumento de tortura inovador.

Um detalhe que não me importava nem um pouco.

Minha pesquisa me havia levado de encontro aos seus arquivos por puro acaso. Coincidência. Não fui atrás dela à procura de uma arma; nunca fui. Bem antes de eu ter visto seu filme, e bem, bem antes de ter trocado uma só palavra com ela, estava pesquisando outra coisa. Para outro fim.

Meus motivos eram só meus.

Usá-la como arma foi uma história que criei para o meu pai; precisava de uma desculpa para ter acesso a ela, para ter a permissão necessária para estudar seus arquivos. Foi uma charada que tive que inventar para me justificar perante meus soldados e para a centena de câmeras que monitoram minha existência. Não a trouxe para a base para explorar suas habilidades. E certamente não esperava me apaixonar por ela no meio disso tudo.

Mas essas verdades e minha verdadeira motivação vão para o túmulo comigo.

Caio na cama com força. Bato a mão na testa, e a esfrego pelo meu rosto. Nunca teria mandado Kent ficar com ela se eu mesmo tivesse podido fazer isso. Cada jogada minha foi um erro. Vi cada esforço calculado falhar. Eu apenas queria ver como ela interagia com outra pessoa. Imaginava se ela seria diferente; se as expectativas que eu havia criado em relação a ela se acabariam ao vê-la conversando naturalmente com alguém. Porém, vê-la conversar com outra pessoa me deixou maluco. Estava com ciúmes. Ridículo. Queria que ela soubesse quem *eu* era; queria que ela conversasse *comigo*. E foi então que percebi: essa sensação estranha e inexplicável de que talvez ela fosse a única pessoa do mundo pela qual eu poderia realmente me importar.

Me forço a me sentar. Arrisco um olhar para o caderno ainda preso em minha mão.

Eu a perdi.

Ela me odeia.

Ela me odeia e eu a rejeito, e talvez nunca mais a verei, e a culpa é toda minha. Esse caderninho talvez seja a única coisa que me restou dela. Minha mão ainda

está pairando sobre a capa, tentando abri-lo, para poder encontrá-la novamente, mesmo que seja só por um instante, mesmo que seja apenas no papel. Mas parte de mim está com medo. Talvez isso não acabe bem. Talvez não seja o que eu gostaria de ver. E me acudam se isso for algum tipo de diário contendo seus pensamentos e sentimentos pelo Kent, posso até me jogar pela janela.

Coloco o punho cerrado de encontro à minha testa. Respiro fundo e demoradamente.

Finalmente o abro. Meus olhos descem para a primeira página.

E só então começo a perceber a importância do que encontrei.



Continuo a pensar que devo permanecer calma, que tudo isso é fruto da minha imaginação, que tudo vai ficar bem e alguém vai abrir a porta e me deixar sair. Continuo a pensar que isso vai acontecer porque esse tipo de coisa não acontece pura e simplesmente. Isso não acontece. As pessoas não são esquecidas desse modo. Não são abandonadas assim.

Isso simplesmente não acontece.

Meu rosto está coberto de sangue de quando eles me jogaram no chão, e minhas mãos estão tremendo, mesmo quando escrevo isso. Essa caneta é minha válvula de escape, minha única voz, porque não tenho ninguém com quem conversar, nenhuma mente além da minha para mergulhar e todos os botes salva-vidas estão ocupados e todas as boias estão quebradas e não sei nadar, não consigo nadar não consigo nadar e está cada vez mais difícil. É como se houvesse um milhão de gritos presos dentro do meu peito, *mas tenho que mantê-los presos lá dentro porque para que gritar se não tem ninguém para escutar seus gritos e ninguém vai me escutar aqui. Ninguém jamais me ouvirá novamente.*

Aprendi a ficar olhando para as coisas.

As paredes. Minhas mãos. As rachaduras na parede. As linhas nos meus dedos. Os tons de cinza no concreto. O formato de minhas unhas. Escolho uma coisa e fico olhando horas para ela. Conto as horas na minha cabeça contando os segundos à medida que eles passam. Conto os dias que passam enumerando-os. Hoje é o dia dois. Hoje é o segundo dia. Hoje é um dia.

Hoje.

Está muito frio. Está tão frio está tão frio.

Por favor por favor por favor



Fecho o caderno com força.

Minha mão está trêmula novamente, e dessa vez não consigo evitar. Dessa vez o tremor está vindo do fundo do meu ser, de uma percepção profunda do tenho nas mãos. Esse diário não é do tempo que ela passou aqui. Não tem nada a ver comigo, ou Kent, ou ninguém. Esse diário é um documento dos seus dias passados no manicômio.

E, de repente, esse pequeno e desgastado caderno é mais importante para mim do que qualquer outra coisa que eu já tenha possuído.

Capítulo 10

Nem eu mesmo sei como consigo voltar tão depressa para meu quarto. Tudo que sei é que tranquei a porta do quarto, destranquei a porta do escritório só para me trancar lá dentro, e agora estou sentado aqui na minha mesa, pilhas de papel e material sigiloso são colocadas de lado, e fico olhando para aquela capa esfarrapada de algo que tenho muito medo de ler. Existe algo pessoal nesse diário; parece que contém sentimentos de solidão, os momentos mais vulneráveis da vida de alguém. Ela escreveu o que está nessas páginas no momento mais lúgubre de sua vida de 17 anos, e estou prestes a conseguir exatamente o que sempre quis.

Um olhar na sua mente.

E embora essa espera esteja acabando comigo, também estou terrivelmente ciente de como isso pode ter um resultado negativo. De repente não tenho mais certeza se realmente quero saber. No entanto, sei que quero. Definitivamente sim.

Então, abro o livro, e viro para a página seguinte. Dia três.



Hoje começo o dia gritando.



E aquelas quatro palavras me atingem mais fundo do que qualquer dor física.

Meu peito está subindo e descendo, minha respiração resfolegante. Tenho que me forçar a continuar a ler.

Logo percebo que as páginas estão fora de ordem. Parece que ela voltou para o começo depois que chegou ao final do diário, e percebeu que não tinha mais espaço. Ela escreveu nas margens, sobre os parágrafos, com letras minúsculas e quase ilegíveis. Existem números rabiscados por cima de tudo, às vezes o

mesmo número se repete várias e várias vezes. Algumas vezes a mesma palavra é escrita e reescrita, circulada e sublinhada. E quase todas as páginas têm sentenças e parágrafos quase que inteiramente riscados.

É um completo caos.

Meu coração se contrai ao perceber isso, com essa prova do que ela deve ter passado. Havia imaginado como ela deve ter sofrido durante todo esse tempo, trancada em condições sombrias e pavorosas. Mas ver isso pessoalmente — queria não estar certo.

E agora, mesmo quando tento ler em ordem cronológica, descubro que sou incapaz de acompanhar o método que ela usou para numerar tudo; o sistema que ela criou nessas páginas é algo que só ela seria capaz de decifrar. Posso apenas folhear o material e procurar trechos que estão escritos com mais coerência.

Meus olhos ficam presos a uma passagem em particular.



É uma coisa estranha, não conhecer a paz. Saber que não importa onde *você for,* não existe um santuário. Que a ameaça da dor est*ará sempre ali bem perto. Não estou protegida dentro dessas quatro paredes, nunca me senti protegida ao sair de minha casa, e nunca consegui estar segura nos catorze anos que vivi dentro de casa. O hospício mata pessoas todos os dias, o mundo já aprendeu a me temer, e meu lar é o mesmo lugar onde meu pai me prendia no quarto todas as noites e minha mãe gritava comigo por ser a aberração que ela foi forçada a criar.*

Ele sempre disse que era meu rosto.

Havia alguma coisa no meu rosto, minha mãe dizia, que ela não conseguia suportar. Algo nos meus olhos, no modo como eu olhava para ela, o simples fato de eu existir. Ela sempre dizia para eu parar de olhar para ela. Ela costumava gritar isso para mim. Como se eu fosse atacá-la. Pare de me olhar, ela gritava. Você pare de olhar para mim, ela gritava.

Uma vez ela colocou minha mão no fogo.

Só para ver se iria queimar, ela disse. Só para verificar se era uma mão comum, ela dizia.

Eu tinha 6 anos então.

Me lembro disso, pois era meu aniversário.



Joguei o caderno no chão.

Me levanto num instante, tentando acalmar meu coração. Passo a mão pelos cabelos, meus dedos seguram as raízes. Essas palavras me tocam, me são tão familiares. A história de uma criança maltratada pelos pais. Trancada e jogada fora. É algo que eu entendo bem.

Nunca li nada parecido antes. Nunca havia lido nada que tocasse direto no meu coração. E eu sei que não deveria. Sei que de algum modo isso não vai ajudar, não vai me ensinar nada, não vai me dar nenhuma pista sobre onde ela pode ter ido. Já sei que ler tudo isso vai me enlouquecer.

Mas não consigo deixar de pegar o diário dela mais uma vez.

Abro-o novamente.



Será que já estou louca?

Será que isso já aconteceu?

Como saberei um dia?



Meu interfone toca tão repentinamente que quase caio da cadeira, e tenho que me segurar na parede por trás da minha mesa. Minhas mãos não param de tremer; minha testa está coberta de suor. Meu braço ferido começa a queimar, e minhas pernas de repente estão fracas demais para me aguentar de pé. Tenho que focar toda a minha energia em parecer normal quando receber a mensagem.

— O quê? — pergunto.

— Senhor, estava pensando, se o senhor ainda estava... bem, a reunião, senhor, a menos é claro que eu entendi o horário errado. Desculpe, não deveria tê-lo incomodado...

— Oh, pelo amor de Deus, Delalieu. — Tento afastar o tremor da minha voz. —

Pare de se desculpar. Estou a caminho.

— Sim, senhor — ele diz. — Obrigado, senhor.

Desligo o aparelho.

E então seguro o caderno, o enfio no meu bolso e vou em direção à porta.

Capítulo 11

Estou parado na borda do pátio sobre o Quadrante, olhando para milhares de rostos me encarando. Esses são meus soldados. Parados em fila em seus uniformes de reunião. Camisas pretas, calças pretas, botas pretas.

Sem armas.

Punhos esquerdos pressionados aos peitos.

Faço um esforço para me concentrar — e me importar — com a tarefa à minha frente; mas de um jeito ou de outro não consigo evitar sentir a presença daquele caderno guardado no meu bolso, seu volume pressionando minha perna e me torturando com seus segredos.

Não sou eu mesmo.

Meus pensamentos estão emaranhados em palavras que não são minhas. Respiro fundo para clarear minha cabeça; flexiono os dedos da mão.

— Setor 45 — proclamo, falando diretamente no microfone.

Eles se movem imediatamente, abaixando a mão esquerda e colocando o punho direito de encontro ao peito.

— Temos uma série de coisas importantes para discutir hoje — digo a eles. — A primeira de todas é bem aparente. — Faço um gesto com meu braço. Estudo seus rostos cuidadosamente desprovidos de emoção.

Seus pensamentos traiçoeiros são óbvios.

Eles pensam que sou uma criança maluca. Não me respeitam; não são leais a mim. Eles estão desapontados que estou ali frente a eles; zangado; revoltado até, mas não fui morto por causa desse ferimento.

Mas eles temem a mim.

E isso é tudo de que preciso.

— Fui ferido — digo — enquanto perseguia dois de nossos soldados desertores. Soldado Adam Kent e Soldado Kenji Kishimoto planejaram sua fuga num esforço para sequestrar Juliette Ferrars, nosso mais novo e importante ativo para o Setor 45. Eles foram acusados do crime de capturar e deter a Srta. Ferrars contra a sua vontade. Porém, e mais importante, eles foram devidamente condenados por traição contra o Restabelecimento. Quando forem encontrados serão executados sumariamente.

O terror, eu percebo, é um dos sentimentos mais fáceis de se identificar. Até mesmo no rosto estoico de um soldado.

— Em segundo lugar — digo, dessa vez mais lentamente —, num esforço para apressar o processo de estabilizar o Setor 45, acalmar seus cidadãos, e o subsequente caos resultante desses recentes acontecimentos, o comandante supremo do Restabelecimento se juntou a nós na base. Ele chegou — informo a eles — a menos de trinta e seis horas.

Alguns homens abaixaram os punhos. Esqueceram por um momento de si mesmos. Seus olhos estão arregalados.

Petrificados.

— Vocês irão recepcioná-lo — digo.

Eles caem de joelhos.

É estranho deter esse tipo de poder. Gostaria de saber se meu pai está orgulhoso do que criou. Ser capaz de fazer milhares de homens caírem de joelhos com apenas algumas palavras; apenas ao me ouvirem dizer o seu título. É o tipo de coisa horrorosa e viciante.

Conto cinco compassos na minha cabeça.

— Levantar.

Eles levantam. E então marcham.

Cinco passos para trás, para frente, parados no lugar. Levantam seus braços esquerdos, curvam os dedos e formam punhos, e se ajoelham num joelho só. Dessa vez não permito que se levantem.

— Preparem-se, cavalheiros — digo a eles. — Não descansaremos até que Kent e Kishimoto sejam encontrados e que a Srta. Ferrars seja trazida de volta à base. Vou me reunir com o comandante supremo nas próximas vinte e quatro horas;

nossa mais nova missão será claramente definida. Nesse ínterim vocês têm que entender duas coisas: primeiro, iremos neutralizar a tensão que se criou entre os cidadãos e nos esforçar para lembrarmos a eles de suas promessas para nosso novo mundo. E em segundo lugar, garantiremos encontrar os soldados Kent e Kishimoto. — Paro. Olho em volta, me concentrando em seus rostos. — Deixe que o destino deles sirva como exemplo para vocês. Não aceitamos traidores no Restabelecimento. E nós não perdoamos.

Capítulo 12

Um dos homens do meu pai está me esperando do lado de fora da minha porta.

Olho de relance em sua direção, mas não o suficiente para reconhecer suas feições.

— Diga qual o assunto, soldado.

— Senhor — ele diz —, recebi ordens para lhe informar que o comandante supremo solicita sua presença em seus alojamentos para o jantar às vinte horas.

— Considere sua mensagem recebida. — Dou um passo para abrir minha porta.

Ele dá um passo à frente, bloqueando minha passagem.

Viro o corpo para olhar para ele.

Ele está parado a alguns passos de distância de mim: um ato implícito de desrespeito; um nível de intimidade que nem mesmo Delalieu se permite. No entanto, ao contrário dos meus homens, os bajuladores que cercam meu pai se consideram especiais. Ser um membro da guarda de elite do comandante supremo é considerado um privilégio e uma honra. Eles se reportam diretamente a ele.

E nesse exato momento, esse soldado está tentando provar que é superior a mim.

Ele tem inveja de mim. Pensa que sou indigno de ser o filho do comandante supremo do Restabelecimento. Isso está praticamente escrito no rosto dele.

Tenho que segurar meu impulso de cair no riso quando encaro seus frios olhos cinza e o buraco negro que é sua alma. Ele tem as mangas enroladas na altura do cotovelo, suas tatuagens militares claramente definidas e à mostra. Os círculos concêntricos de tinta preta em volta dos seus braços são acentuados em vermelho, verde e azul, o único sinal para indicar que ele é um soldado de patente elevada. É um ritual doentio do qual sempre fiz questão de me recusar a participar.

O soldado ainda está me encarando.

Inclino minha cabeça em sua direção, ergo minhas sobrancelhas.

— Recebi ordens — ele declara — de esperar uma resposta oral aceitando esse convite.

Demoro um pouco, pensando nas minhas escolhas, mas não havia nenhuma.

Eu, como todos os fantoches desse mundo, sou completamente subserviente aos desejos do meu pai. É verdade que sou forçado a lutar todos os dias: que nunca serei capaz de enfrentar o homem que tem seus punhos cerrados em volta da minha espinha vertebral.

Isso me faz odiar a mim mesmo.

Encaro os olhos do soldado e imagino, por um breve momento, qual o nome dele, antes de perceber que não me importo com isso.

— Considere-o aceito.

— Sim, s...

— E da próxima vez, soldado, não se aproxime a menos de um metro e meio de distância de mim, sem pedir permissão.

Ele pisca os olhos, confuso.

— Senhor, eu...

— Você está confuso — o interrompo. — Acredita que trabalhar com o comandante supremo lhe dá imunidade das regras que governam a vida dos outros soldados. Veja, você está errado.

Seu rosto se enrijece.

— Nunca se esqueça — digo baixinho agora — que se eu quisesse o seu emprego, eu o teria. E não se esqueça de que o homem que você serve tão ansiosamente é o mesmo homem que me ensinou a atirar com uma arma de fogo quando eu tinha apenas nove anos de idade.

Suas narinas se dilatam. Ele olha direto para frente.

— Entregue sua mensagem, soldado. E então relembre isso e nunca mais fale comigo novamente.

Os olhos dele agora estão presos num ponto diretamente atrás de mim, seus

ombros rígidos.

Espero.

Seu maxilar ainda está rígido. Lentamente ele levanta sua mão em saudação.

— Está dispensado — digo.



Tranco a porta do meu quarto e me encosto nela. Preciso de apenas um momento. Pego o vidrinho que está na mesinha de cabeceira e tiro duas pílulas quadradas; as jogo na boca, fechando meus olhos enquanto se dissolvem.

A escuridão atrás das minhas pálpebras é um alívio reconfortante.

Até que a lembrança do rosto dela se impõe à minha percepção.

Me sento na cama e deixo a cabeça cair na minha mão. Não deveria estar pensando nela agora. Tenho horas de papelada para separar e o estresse da presença do meu pai para aguentar. Jantar com ele vai ser um espetáculo. Um espetáculo de arrasar a alma.

Fecho meus olhos com força e faço um pequeno esforço para construir as paredes que com certeza limpariam minha mente. Mas dessa vez elas não funcionam. O rosto dela insiste em surgir subitamente, seu diário me provocando lá no fundo do meu bolso.

E começo a perceber que tem uma pequena parte de mim que não deseja afastar os pensamentos dela. Uma parte de mim gosta da tortura.

Essa garota está me destruindo.

Uma garota que passou o último ano internada num sanatório de loucos. Uma garota que tentou me matar porque eu a beijei. Uma garota que fugiu com outro homem só para se afastar de mim.

É claro que essa é a garota por quem eu iria me apaixonar.

Coloco a mão na boca.

Estou perdendo a cabeça.



Tiro minhas botas. Me enfio na cama e deixo a cabeça cair nos travesseiros.

Ela dormiu aqui, penso. Ela dormiu na minha cama. Ela acordou na minha cama. Ela estava aqui e deixei que ela escapasse.

Falhei.

Perdi.

Nem percebo que tirei o diário dela do bolso e o estou segurando em frente do rosto. Olhando para ele. Estudando sua capa desbotada numa tentativa de entender onde ela pode ter adquirido isso. Ela deve ter roubado de algum lugar, embora não consiga imaginar onde.

Há tantas coisas que eu gostaria de perguntar a ela. Tantas coisas que gostaria de lhe dizer.

Ao invés disso, abro seu diário e leio.



Às vezes fecho meus olhos e pinto essas paredes*com cores diferentes.*

Imagino que estou usando meias quentinhas e estou sentada perto do fogo. Imagino que alguém me deu um livro para ler, uma história para me levar para longe da tortura da minha própria mente. Quero ser alguém em algum outro lugar com alguma outra coisa a ocupar minha cabeça. Quero correr, quero sentir o vento batendo nos cabelos. Quero fingir que isso é simplesmente uma história dentro de outra história. Que essa cela é apenas um cenário, que essas mãos não me pertencem, que essa janela dá para um lugar lindo, se pelo menos eu conseguisse abri-la. Finjo que essa fronha é limpa, finjo que a cama é macia. Finjo e finjo e finjo até que o mundo fica maravilhoso por trás dos meus olhos e já não consigo mais contê-lo. Mas então meus olhos se abrem e sou agarrada pela garganta por um par de mãos que não param de me sufocar sufocar sufocar...

Meus pensamentos, acho, logo serão ouvidos.

Minha mente, espero, logo será descoberta.



O diário cai da minha mão e bate no meu peito. Passo a mão pelo rosto, pelo meu cabelo. Massageio o pescoço e me puxo com força para cima a ponto de bater a cabeça na cabeceira da cama, e na verdade fico grato a isso. Me demoro

um pouco sentindo a dor.

E viro a página.



Imagino o que eles estão pensando. Meus pais. Imagino onde estão. Penso se eles estão bem agora, se estão felizes agora,~~se eles finalmente conseguiram o que queriam.~~Imagino se minha mãe vai querer ter outro filho. Imagino se alguém vai ter a bondade de me matar, e imagino se o inferno não é melhor do que aqui. Imagino como está meu rosto agora. Imagino se algum dia vou poder respirar o ar fresco novamente.

Imagino tantas outras coisas.

Às vezes *fico acordada durante dias simplesmente contando tudo que encontro. Conto as paredes, as rachaduras na parede, meus dedos dos pés e das mãos. Conto as molas da cama, os fios do cobertor, quantos passos para ir para frente e para trás no meu quarto. Conto meus dentes e cada fio de cabelo na minha cabeça e o número de segundos em que consigo prender minha respiração.*

Mas às vezes fico tão cansada que esqueço que não tenho mais permissão para desejar mais nada, e me descubro desejando a única coisa que sempre quis. A única *coisa com a qual sempre sonhei.*

Sempre desejei ter um amigo.

Sonho com isso. Imagino como seria. Sorrir e receber um sorriso de volta. Ter alguém em quem confiar que não iria jogar as coisas em mim, nem colocar minhas mãos no fogo ou me bater por ter nascido. Alguém que iria saber que fui colocada para fora de casa e tentaria me achar, que nunca teria medo de mim.

Alguém que soubesse que eu nunca o machucaria.

Me vejo num canto desse quarto e enfio a cabeça nos meus joelhos e me balanço para frente e para trás para frente e para trás para frente e para trás e desejo e desejo e desejo coisas impossíveis até cair no sono de tanto chorar.

Imagino como seria ter um amigo.

E então imagino quem mais está preso neste hospício. Imagino de onde estão vindo os outros gritos.

Imagino se estão vindo de mim.



Tento me concentrar, dizendo a mim mesmo que são palavras vazias, mas estou mentindo. Porque, de algum modo, simplesmente ler essas palavras é demais; e pensar nela sofrendo está me deixando agoniado.

Saber que ela vivenciou isso.

Ela foi colocada nesse inferno pelos próprios pais, abandonada e maltratada a vida inteira. Empatia é uma emoção que eu não conhecia, mas agora toma conta de mim, me levando para um mundo que eu não sabia que podia penetrar. E embora sempre tenha acreditado que ela e eu tivéssemos muita coisa em comum, não sabia que podia sentir isso com tanta profundidade.

Isso está me matando.

Fico em pé. Começo a andar pelo quarto até acalmar meus nervos para continuar a leitura. Então respiro fundo.

E viro a página.



Tem alguma coisa fervilhando dentro de mim.

~~Algo que nunca ousei descobrir, algo que tenho medo de saber. Tem uma parte de mim lutando para se libertar da jaula onde estou presa, batendo nas portas do meu coração, suplicando para ser libertada.~~

~~Suplicando para ir embora.~~

~~Todos os dias sinto que revivo o mesmo pesadelo. Abro a boca para gritar, para lutar, para girar meus punhos, mas minhas cordas vocais estão cortadas, meus braços estão pesados e densos como se estivessem presos no cimento molhado e eu estou gritando mas ninguém me ouve, ninguém se aproxima e estou enjaulada. E isso está acabando comigo.~~

~~Sempre tive de bancar a submissa, subserviente, um pano de chão suplicante e passivo que fazia todo mundo se sentir seguro e confortável. Minha existência se tornou uma luta para provar que eu era inofensiva, não uma ameaça, que eu era capaz de viver entre outros seres humanos sem feri-los.~~

~~E estou tão cansada tão cansada tão cansada e às vezes chego a ficar com~~

~~*raiva*~~.

Não sei o que está acontecendo comigo.



— Meu Deus, Juliette. — Suspiro.

E caio de joelhos.



— Chame o transporte imediatamente. — Preciso sair. Preciso sair daqui agora.

— Senhor? Isso é, sim, senhor, é claro... mas onde...

— Tenho que visitar os complexos — digo. — Tenho que fazer minhas rondas antes do meu compromisso dessa noite. — Isso é tanto verdade quanto mentira. Porém agora estou disposto a fazer qualquer coisa que me afaste desse diário.

— Ah, certamente, senhor. Gostaria que o acompanhasse?

— Isso não será necessário, tenente, mas obrigado pela oferta.

— Eu... se-senhor — ele gagueja. — É claro, é u-uma honra servi-lo, senhor, ajudá-lo...

Deus do céu, onde estou com a cabeça. Eu nunca digo obrigado a Delalieu. É muito provável que o pobre homem vá ter um infarto agora.

— Estarei pronto para sair em dez minutos — interrompo.

Ele começa a gaguejar, mas para. Então diz:

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

Estou pressionando a boca com o punho quando a ligação é desconectada.

Capítulo 13

Tínhamos lares. Antes.

De todos os tipos diferentes.

Casas térreas. Sobrados. Casas de três andares.

Comprávamos enfeites para o jardim e luzinhas pisca-pisca, aprendíamos a andar de bicicleta sem rodinhas. Adquirimos vidas confinadas em 1,2 e 3 andares já construídos, andares contidos em estruturas que não podíamos mudar.

Vivemos nesses andares por algum tempo.

Seguimos a história que nos era contada, o texto preso em cada metro do espaço que havíamos conquistado. Ficamos contentes com a mudança no enredo que redirecionou nossa vida. Assinamos nas linhas pontilhadas por coisas pelas quais não nos importávamos realmente. Comíamos coisas que não deveríamos, gastávamos dinheiro quando não podíamos, esquecíamos a Terra que tínhamos de habitar e desperdiçávamos desperdiçávamos desperdiçávamos tudo. Comida. Água. *Recursos.*

Logo, os céus ficaram cinza com a poluição química, e as plantas e os animais ficaram doentes devido à modificação genética. E doenças se impregnaram no nosso ar, nas nossas refeições, nossos sangues e nossas casas. A comida desapareceu. As pessoas estavam morrendo. Nosso império estava caindo aos pedaços.

O Restabelecimento disse que nos ajudariam. Nos salvariam. Reconstruiriam nossa sociedade.

Ao invés disso, eles nos destroçaram.

Gosto de visitar os complexos.

É um lugar estranho para se buscar refúgio, mas sinto alguma coisa ao ver tantos civis num espaço tão vasto e aberto que me faz lembrar da minha missão. Fico tanto tempo preso nos limites dos muros do quartel-general do Setor 45, que frequentemente me esqueço dos rostos daqueles por quem lutamos e daqueles com quem estamos lutando.

Gosto de me lembrar.

Geralmente, visito cada aglomerado dos complexos; cumprimento os moradores e pergunto sobre suas condições de vida. Não consigo deixar de ficar curioso em saber como é a vida deles agora. Porque enquanto o mundo se transformou inteiramente para eles, meu mundo continuou o mesmo. Disciplinado. Isolado. Desolador.

Houve um tempo quando as coisas foram melhores, quando meu pai não era tão irritado. Eu tinha cerca de 4 anos. Ele costumava me fazer sentar em seu colo e brincar com seus bolsos. Eu podia pegar o que quisesse, desde que meu argumento fosse bem convincente. Era seu jeito de brincar.

Mas tudo isso foi antes.

Aperto meu casaco no corpo, sentindo o tecido se encostar nas minhas costas. Vacilo sem querer.

A vida que tenho agora é a única que importa. O sufoco, o luxo, as noites mal dormidas, e os corpos dos mortos. Sempre me ensinaram a me concentrar no poder e na dor, em ganhar e infligir.

Não lamento nada.

Aceito tudo.

É o único modo que encontrei de continuar vivendo nesse corpo maltratado. Esvazio minha mente das coisas que me infestam e sobrecarregam minha alma, e aceito o que puder dos pequenos prazeres que aparecem à minha frente. Não sei o que é ter uma vida normal; não sei como simpatizar com os cidadãos que perderam suas casas. Não faço ideia de como era a vida deles antes de o Restabelecimento tomar o poder.

Por isso gosto de passear pelos complexos.

Gosto de ver como as outras pessoas vivem; gosto de ter o poder de fazer com que respondam às minhas perguntas. Do contrário não teria como saber.

Mas o momento é errado.

Não prestei muita atenção ao relógio quando saí da base, e não percebi que o sol estava se pondo. A maioria dos civis está voltando para casa para descansar à noite, seus corpos curvados, encolhidos pelo frio enquanto se encaminhavam em direção aos aglomerados de metal que dividem com pelo menos outras três famílias.

As casas improvisadas são construídas com *containers* de navios de doze metros quadrados; eles são empilhados lado a lado e um em cima do outro, agrupados em grupos de cinco ou seis. Cada *container* foi isolado; equipado com duas janelas e uma porta. Escadas para o andar superior foram colocadas de cada lado de fora da estrutura. Os tetos são alinhados com painéis solares que fornecem eletricidade gratuita para cada grupo.

É algo do qual muito me orgulho.

Porque foi minha ideia.

Quando estávamos procurando por abrigos temporários para os civis, sugeri reformar os velhos *containers* de carga que ocupavam as docas de todos os portos do mundo. Não apenas eram baratos, facilmente reaproveitados, e altamente adaptáveis, mas podiam ser empilhados, eram portáteis e construídos independentemente do clima do lugar. Eles exigiam o mínimo de construção e, com a equipe certa, milhares de unidades habitacionais poderiam estar prontas em alguns dias.

Dei essa ideia para meu pai, pensando que essa seria a opção mais eficiente; uma solução temporária que seria menos desumana do que barracas; algo que ofereceria um abrigo real e confiável. Mas o resultado foi tão eficiente que o Restabelecimento não viu necessidade de renovação. Aqui, num terreno que costumava ser um lixão, assentamos milhares de *containers*; aglomerados de cubos retangulares e desbotados que são fáceis de monitorar e vigiar.

As pessoas ainda acreditam que essa é uma solução temporária. Que um dia voltarão para as lembranças de suas antigas vidas e as coisas serão lindas e brilhantes novamente. Mas tudo isso é mentira.

O Restabelecimento não tem planos de mudá-los de onde estão.

Os civis devem permanecer nessas áreas regulamentadas; esses *containers* se tornaram suas prisões. Tudo foi numerado. As pessoas, suas casas, seu grau de

importância para o Restabelecimento.

Aqui, eles se tornaram parte de um enorme experimento. Um mundo no qual trabalham para manter as necessidades de um regime que faz promessas que nunca serão cumpridas.

Essa é a minha vida.

Esse triste mundo.

Na maior parte do tempo, me sinto como um civil; e é provavelmente por isso que vim até aqui. É como se estivesse indo de uma prisão para outra; numa existência onde não há escape, não há refúgio. Quando até mesmo minha mente me trai.

Eu deveria ser mais forte do que isso.

Tenho treinado há mais de uma década. Tenho trabalhado todos os dias para aprimorar minhas forças física e mental. Tenho 1 metro e 79 de altura e 77 quilos de músculos. Fui preparado para sobreviver, para maximizar a resistência e a energia, e fico perfeitamente à vontade segurando uma arma. Posso desmontar, limpar, recarregar, desarmar e remontar mais de 150 tipos de armas de fogo. Posso atirar no centro de um alvo, de praticamente qualquer distância. Posso quebrar o pescoço de uma pessoa com a lateral da mão. Posso paralisar temporariamente um homem com apenas os nós dos meus dedos.

No campo de batalha, sou capaz de me desconectar dos movimentos que aprendi a memorizar. Criei a reputação de ser alguém frio, um monstro que não teme nada nem ninguém.

Mas tudo isso é ilusório.

Porque a verdade é que não passo de um covarde.

Capítulo 14

O sol está se pondo.

Logo vou ter que retornar à base, onde vou me sentar quieto e ouvir meu pai falar, em vez de mandar bala na sua boca aberta.

Então tento ganhar tempo.

Fico parado e ouço barulhos vindos de longe e observo as crianças correrem, enquanto seus pais as levam para casa. Penso se um dia eles vão crescer o bastante para sacar que os cartões do Registro do Restabelecimento na verdade estão rastreando todos seus movimentos. Que o dinheiro que seus pais recebem pelo trabalho em alguma das muitas fábricas existentes ali é monitorado de perto. Essas crianças crescerão e finalmente entenderão que tudo que elas fazem está gravado, cada conversa é dissecada para se descobrir murmúrios de rebeliões. Eles não sabem que estão sendo criados perfis para cada cidadão, e que cada arquivo é bem grosso com documentação das suas amizades, relacionamentos, e hábitos de trabalho; até mesmo como gostam de passar seu tempo livre.

Sabemos tudo sobre todo mundo.

Demais.

Tanto é verdade que raramente me lembro que estamos lidando com gente de verdade, seres vivos, até vê-los nos complexos. Sei de cor o nome de quase todos os cidadãos do Setor 45. Gosto de saber quem vive na minha jurisdição, não importa se são soldados ou civis.

Foi assim que tomei conhecimento, por exemplo, que o soldado Seamus Fletcher, 45B-76423, batia na esposa e nos filhos todas as noites.

Eu sabia que ele estava gastando todo seu dinheiro em bebidas; sabia que ele estava deixando sua família passar fome. Monitorei os dólares REST que ele gastava nas nossas centrais de abastecimento e observei atentamente a família

dele no complexo. Sabia que seus três filhos tinham menos de 10 anos e não comiam há semanas; sabia que eles haviam estado inúmeras vezes no posto médico do complexo para tratar de ossos quebrados e levar pontos em machucados. Fiquei sabendo que ele deu um soco na boca de sua filha de 9 anos e cortou o lábio dela, fraturou o maxilar e quebrou dois de seus dentes da frente; e soube que sua esposa estava grávida. Também fiquei sabendo que certa noite ele bateu nela com tanta força que ela perdeu a criança na manhã seguinte.

Eu sei por que estava lá.

Eu estava parando em cada residência, visitando os civis, fazendo perguntas sobre sua saúde e como estavam suas vidas. Queria saber de suas condições de trabalho e se algum membro de suas famílias precisaria estar de quarentena.

Ela estava em casa naquele dia. A esposa de Fletcher. Seu nariz estava quebrado e seus olhos estavam tão inchados que ela nem conseguia abri-los direito. Seu corpo era tão magro e frágil, sua pele tão pálida, que achei que ela iria se quebrar em duas ao sentar-se. Quando lhe perguntei sobre os machucados, ela evitou meus olhos. Disse que tinha caído; que por causa da sua queda ela havia perdido a criança que carregava e conseguiu também quebrar o nariz no acidente.

Acenei com a cabeça. Agradeci por sua cooperação ao responder minhas perguntas.

E então convoquei uma reunião.

Estou ciente que a maioria dos meus soldados rouba dos armazéns dos nossos complexos. Analiso os relatórios cuidadosamente e sei que tem suprimentos desaparecendo o tempo todo. Mas permito essas pequenas infrações porque elas não perturbam o sistema. Alguns pães ou pedaços de sabão a mais deixam meus soldados mais animados; eles trabalham mais se estiverem saudáveis, e a maioria deles mantém esposa, filhos e parentes. Então essa é uma concessão que faço.

Mas algumas coisas não posso perdoar.

Não me considero um moralista. Não filosofo sobre a vida ou me importo com as leis e princípios que governam a vida das pessoas. Não pretendo saber a diferença entre o certo e o errado. Mas procuro viver sob certo código de vida. E às vezes, eu acho, tenho que aprender a atirar antes.

Seamus Fletcher estava matando sua família. E eu lhe dei um tiro na testa porque achei que assim seria menos doloroso do que destroçá-lo com minhas próprias

mãos.

Mas meu pai completou o trabalho que Fletcher havia começado. Meu pai mandou matar os três filhos dele e sua mulher, tudo por causa de um bêbado cretino que deveria ter cuidado deles. Ele era o pai deles, o marido dela, e a razão de eles terem tido uma morte tão brutal e inesperada.

E alguns dias eu imagino por que insisto em continuar vivendo.

Capítulo 15

De volta à base, sigo direto em frente.

Ignoro os soldados e suas continências por onde passo, sem prestar atenção à mistura de curiosidade e desconfiança em seus olhos. Nem tinha percebido que havia tomado esse caminho ao chegar à base; mas meu corpo parece saber mais do que minha mente, do que precisa agora. Meus passos são pesados; regulares, o som das minhas botas ecoa ao longo do piso de pedras conforme chego aos andares de baixo.

Não venho aqui há quase duas semanas.

O quarto fora reformado desde a última vez em que estive aqui; o painel de vidro e a parede de concreto foram substituídos. E pelo que sei ela foi a última pessoa a usar esse quarto.

Eu mesma a havia trazido aqui.

Empurro as duas portas giratórias do vestiário que fica na sala adjacente ao deque de simulação. Minha mão procura no escuro pelo interruptor; as luzes piscam uma vez antes de se acenderem. Um zumbido monótono de eletricidade vibra nesses cômodos vastos. Tudo está quieto, abandonado.

Exatamente como eu gosto.

Tiro minhas roupas o mais rápido que consigo, devido aos ferimentos. Ainda tenho duas horas antes do esperado jantar com meu pai, então eu não deveria estar tão ansioso assim, mas meus nervos não estão ajudando. Tudo parece estar vindo para cima de mim de uma vez só. Meus fracassos. Minha covardia. Minha estupidez.

Às vezes fico tão cansado dessa vida.

Estou em pé, descalço no concreto, só usando a tipoia no meu braço, detestando como esse ferimento me deixa constantemente para baixo. Pego o shorts guardado no meu armário e o visto o mais rapidamente possível, me encostando

à parede para me apoiar. Quando finalmente fico ereto, fecho a porta do armário e entro no cômodo ao lado.

Aperto mais um interruptor, e o sistema operacional principal começa a funcionar. Os computadores emitem um sinal sonoro e uns flashes se acendem enquanto o programa se prepara; passo os dedos pelo teclado.

Costumamos usar esses cômodos para simulações.

Manipulamos a tecnologia para criar lugares e experiências que existem apenas na mente humana.

Não apenas somos capazes de criar o cenário, mas também podemos controlar os mínimos detalhes. Sons, cheiros, falsa segurança, paranoia. O programa foi originalmente criado para ajudar soldados em missões específicas, e também para ajudá-los a superar medos que, do contrário, iria incapacitá-los no campo de batalha.

Eu o uso para meus próprios fins.

Costumava vir aqui todos os dias antes de ela chegar à base. Aqui era meu porto seguro; minha única fuga do mundo. Apenas gostaria que não precisasse de um uniforme. Esse short é engomado e desconfortável, o poliéster coça e irrita a pele. Mas é forrado com uma química especial que reage com a minha pele e alimenta o sensor com informações; me ajudam a me situar na experiência e me permitirá correr por quilômetros sem precisar correr de verdade, muros físicos no meu ambiente real. E para que o processo seja o mais eficiente possível, tenho que vestir quase nada. As câmeras são hipersensíveis ao calor do corpo, e funcionam melhor quando não entra em contato com materiais sintéticos.

Espero que esse detalhe fique anotado para a próxima geração do programa.

A central me solicita dados; rapidamente entro com o código de acesso que me garante permissão para levantar o histórico das últimas simulações. Olho para o alto por sobre meu ombro enquanto o computador processa os dados; olho de relance pelo recém-consertado espelho de duas faces que vê o cômodo principal. Ainda não acredito que ela quebrou uma parede inteira de vidro e concreto e continuou a caminhar sem um arranhão.

Inacreditável.

A máquina bipa duas vezes; me viro novamente. Os programas que solicitei estão carregados e prontos para serem executados.

O arquivo dela é o primeiro da lista.

Respiro fundo; tento afastar as lembranças. Não me arrependo de tê-la feito passar por uma experiência tão horrível. Não sei se ao final ela teria se permitido perder o controle — finalmente habitar seu próprio corpo — se eu não tivesse encontrado um modo eficiente de provocá-la. Ultimamente realmente acredito que isso a ajudou, exatamente como eu pretendia. Mas eu desejaria que ela não tivesse apontado uma arma na minha cara e saltado pela janela logo depois.

Suspiro devagar mais uma vez, acalmando minha respiração.

E seleciono a simulação que me motivou a vir até aqui.

Capítulo 16

Estou parado no cômodo principal.

Me encarando.

Essa é uma simulação bem simples. Não precisei trocar de roupa nem mexer no meu cabelo, nem alterar o piso carpetado. Não fiz nada a não ser criar uma duplicata de mim mesmo e lhe entregar uma arma.

Ele não para de me encarar.



Um.



Ele curva ligeiramente a cabeça.

— Você está pronto? — Uma pausa. — Está com medo?

Meu coração bate em disparada.

Ele ergue seu braço. Sorri um pouco.

— Não se preocupe — ele diz. — Está quase terminado agora.



Dois.



— Só um pouco mais e eu vou embora — ele diz, apontando a arma para a minha testa.

Minhas mãos estão suadas. Meu pulso está acelerado.

— Você vai ficar bem — ele mente. — Prometo.



Três.



Bummm.

Capítulo 17

— Tem certeza de que não está com fome? — meu pai pergunta, ainda mastigando. — Isso está realmente muito bom.

Me mexo na cadeira. Me concentro nos vincos bem passados das calças que estou usando.

— Hum? — ele indaga. Posso vê-lo sorrindo.

Estou intensamente ciente dos soldados alinhados nas paredes desta sala. Ele sempre os mantém perto de si, e sempre em constante competição uns com os outros. Sua primeira tarefa era determinar qual era o elo mais fraco dentre os onze. Aquele com o argumento mais convincente poderia dispor do seu alvo.

Meu pai acha essas práticas divertidas.

— Receio não estar com muita fome. Os remédios — minto — acabam com meu apetite.

— Ah — ele replica. Ouço o barulho de seus talheres quando ele os deposita na mesa. — É claro. Que inconveniência.

Não digo nada.

— Podem se retirar.

Duas palavras e seus homens se dispersam em questão de segundos. A porta se fecha atrás deles.

— Olhe para mim — ele ordena.

Levanto o olhar, meus olhos cuidadosamente desprovidos de emoção. Odeio seu rosto. Não suporto olhar muito tempo para ele; não gosto da experiência de observar como ele é desumano. Ele não se tortura pelo que faz ou pelo modo que vive. Na verdade ele gosta disso. Ele adora a adrenalina do poder; ele se vê como uma entidade invencível.

E, de certo modo, não está errado.

Passei a crer que o homem mais perigoso do mundo é aquele que não sente remorso. Aquele que nunca se desculpa e, portanto, não procura o perdão. Porque no final, são nossas emoções que nos torna fracos, não nossas ações.

Viro o rosto.

— O que encontrou? — ele pergunta sem preâmbulos.

Minha mente vai imediatamente para o diário que está guardado no meu bolso, mas não faço nenhum comentário. Nem pisco. As pessoas raramente percebem que, na maioria das vezes, mentem com os lábios e dizem a verdade com os olhos. Coloque um homem num cômodo com algo que ele tenha escondido, e então pergunte onde ele a escondeu; ele vai dizer que não sabe; vai dizer que você pegou a pessoa errada; mas quase sempre ele vai olhar na direção certa. E agora meu pai está me examinando, esperando ver para onde vou olhar, o que direi a seguir.

Mantenho meus ombros relaxados e respiro devagar, imperceptivelmente, para amansar meu coração. Não respondo. Finjo estar perdido em meus pensamentos.

— Filho?

Ergo o olhar. Finjo surpresa.

— Sim?

— O que achou? Quando revistou o quarto dela hoje?

Solto o ar. Sacudo a cabeça quando me recosto na cadeira.

— Vidros quebrados. Uma cama desarrumada. O armário dela, escancarado. Ela levou apenas alguns itens de higiene pessoal e algumas roupas extras e roupas de baixo. — Nada disso era sem sentido. Nada disso era mentira.

Ouço quando ele suspira. Ele afasta seu prato.

Sinto o contorno do caderninho dela queimando minha perna.

— E você diz que não sabe para onde ela pode ter ido?

— Apenas sei que ela, Kent e Kishimoto devem estar juntos — explico a ele. — Delalieu diz que roubaram um carro, mas as pistas desapareceram na entrada de um enorme terreno baldio. Fizemos as tropas vasculharem aquela área durante dias, mas não encontramos nada.

— E onde — ele pergunta — planeja procurar a seguir? Você acha que eles

cruzaram para outro setor? — A voz dele está estranha. Divertida.

Olho seu rosto sorridente.

Ele só está me fazendo essas perguntas para me testar. Ele tem suas próprias respostas, sua solução já preparada. Ele quer me ver falhar ao responder incorretamente. Está tentando provar que, sem ele, eu tomaria as decisões erradas.

Ele está se divertindo às minhas custas.

— Não — digo a ele, com a voz sólida e firme. — Não acho que vão fazer algo tão idiota como atravessar para outro setor. Eles não têm acesso, meios ou capacidade para isso. Ambos os homens estão severamente feridos, perdendo sangue rapidamente, e estão distantes de qualquer ajuda de emergência. Provavelmente estão mortos agora. A garota talvez seja a única sobrevivente, e ela não pode ter ido muito longe, pois não conhece como andar por aquelas áreas. Ela ficou isolada muito tempo; tudo nesse lugar é completamente estranho para ela. Além do que, ela não sabe dirigir, e se por acaso ela conseguisse dirigir um veículo, teríamos sido informados da propriedade roubada. Se levarmos em consideração seu estado geral de saúde, sua propensão a se esgotar fisicamente muito rápido, e a falta de acesso à comida, água e atenção médica, ela deve estar desmaiada num raio de dez quilômetros desse suposto terreno baldio. Temos que encontrá-la antes que morra congelada.

Meu pai pigarreia.

— Sim — ele diz —, são teorias interessantes. E, talvez, sob outras circunstâncias, elas poderiam até ser verdadeiras. Mas você está se esquecendo de me falar do detalhe mais importante.

Olho nos olhos dele.

— Ela não é normal — ele conclui, recostado à sua cadeira. — E ela não é a única da sua espécie.

Meu coração acelera. Pisco rápido demais.

— Ah, vamos lá, você não suspeitou de nada? Não criou nenhuma hipótese? — Ele ri. — Parece impossível, estatisticamente, que ela seja a única desse tipo que foi produzida pelo nosso mundo. Você sabia disso, mas não quis acreditar. E eu vim aqui para lhe dizer que é verdade. — Ele curva a cabeça ligeiramente em minha direção. Dá um sorriso largo e vibrante. — Existem muitos deles. E eles a

recrutaram.

— Não. — Solto o ar.

— Eles se infiltraram em suas tropas. Vivem no seu meio em segredo. E agora roubaram seu brinquedinho e fugiram com ele. Só Deus sabe como esperam manipulá-la em seu próprio benefício.

— Como pode ter tanta certeza? — indago. — Como sabe que eles conseguiram levá-la com eles? Kent estava meio morto quando o deixei...

— Preste atenção, filho. Estou lhe afirmando que eles não são normais. Eles não seguem suas regras; não há nenhuma lógica que os oriente. Você não tem ideia das esquisitices de que são capazes. — Uma pausa. — Além do mais, tenho conhecimento já há algum tempo, de um grupo deles que vive disfarçado nessa área. Mas durante todo esse tempo eles sempre se mantiveram afastados. Eles não interferem em meus métodos, e achei melhor deixá-los morrer sozinhos sem causar um pânico desnecessário na nossa população civil. Você entende, é claro — ele diz. — Afinal de contas, é muito difícil conter pelo menos um deles. Eles são a coisa mais bizarra de se ver.

— Você sabia? — Estou de pé agora. Tentando ficar calmo. — Você sabia da existência deles, durante todo esse tempo, e assim mesmo não fez nada? Não disse nada?

— Não julguei necessário.

— E agora? — exijo.

— Agora parece pertinente.

— Inacreditável! — Levanto as mãos para o alto. — Que você escondesse de mim tal informação! Quando sabia dos meus planos para ela... quando sabia o sacrifício que foi trazê-la aqui...

— Acalme-se — ele pede. Ele estica as pernas; apoia o tornozelo de uma perna no joelho da outra. — Vamos encontrá-los. Esse terreno abandonado que Delalieu mencionou — a área onde o carro deixou de ser rastreado? Esse é o nosso ponto de partida. Eles devem estar escondidos nos subterrâneos. Devemos encontrar a entrada e os destruir em silêncio, por dentro. Então os teremos punido, e evitamos que o resto se revolte e inspire a rebelião no nosso povo.

Ele se inclina para frente.

— Os civis escutam tudo. E, no momento, estão vibrando com um novo tipo de energia. Estão se sentindo motivados ao perceberem que um deles conseguiu escapar e que você saiu ferido no processo. Isso faz nossas defesas parecerem fracas e fáceis de serem penetradas. Precisamos destruir essa percepção reequilibrando a balança. O medo irá retornar tudo para seu devido lugar.

— Mas eles estão procurando — digo a ele. — Meus homens. Eles vasculham a área todos os dias e ainda não encontraram nada. Como pode ter certeza que iremos descobrir alguma coisa, afinal de contas?

— Porque — ele explica — você vai liderá-los. Todas as noites. Depois do toque de recolher, enquanto os civis dormem. Você não vai interromper as buscas durante o dia; não vai dar a eles motivo para terem o que falar. Aja em silêncio, meu filho. Não mostre suas jogadas. Vou permanecer na base e supervisionar suas responsabilidades com meus homens; vou dar ordens a Delalieu se for necessário. E nesse ínterim, você irá encontrá-los, para que eu possa destruí-los o mais rápido possível. Essa loucura já está durando tempo demais — ele diz — e eu não estou mais a fim de ser generoso.

Capítulo 18

*Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito.

que eles usaram antes, então posso mergulhar abaixo da superfície sem problemas. Afundo minha cabeça por um longo período, seguro a respiração e solto o ar pelo nariz. Sinto as borbulhas virem à tona.

A água morna me faz sentir leve. Ela carrega meu peso para mim, compreendendo que preciso de um momento para aliviar meus ombros desse peso. Para fechar meus olhos e relaxar.

Meu rosto rompe a superfície da água.

Não abro meus olhos; apenas meu nariz e minha boca respiram o oxigênio do outro lado. Faço respirações curtas e regulares para acalmar a mente. Já é tão tarde que nem sei mais que horas são; tudo que sei é que a temperatura caiu significativamente, e o ar frio está fazendo cócegas no meu nariz. É uma sensação estranha, ter 98 por cento do meu corpo boiando numa temperatura quente e agradável, enquanto meus lábios e meu nariz se contraem com o frio.

Mergulho meu rosto na água novamente.

Poderia viver aqui para sempre, eu acho. Viver onde a gravidade não sabe que eu existo. Aqui estou solto, sem restrições das amarras da vida. Sou um corpo diferente, uma concha diferente, e meu corpo é levado pelas mãos dos amigos. Tantas noites desejei poder cair no sono debaixo desse lençol.

Mergulho mais fundo.

Em uma semana, minha vida inteira mudou.

Minhas prioridades mudaram de foco. Minha concentração, destruída. Tudo com que me importo agora se resume a uma pessoa e, pela primeira vez na vida, não sou eu mesmo. Suas palavras estão marcadas na minha mente. Não consigo parar de imaginar como ela deve ter sido, não consigo deixar de imaginar o que ela deve ter vivenciado. Encontrar seu diário me deixou arrasado. Meus sentimentos por ela saíram do controle. Nunca estive tão desesperado para vê-la, para conversar com ela.

Quero que ela saiba que eu entendo agora. Que eu não entendia antes. Ela e eu somos iguais; em mais de uma maneira que eu possa ter imaginado.

Porém, agora, ela está fora do meu alcance. Ela foi para algum lugar com estranhos que não a conhecem e não se importam com ela do mesmo jeito que eu. Ela foi parar num ambiente estranho sem tempo para se adaptar e estou preocupado com ela. Uma pessoa na situação dela — com seu passado — não se

recupera da noite para o dia. E agora, uma de duas coisas está prestes a acontecer: ou ela vai se fechar completamente, ou vai explodir.

Sento rápido demais, rompendo a barreira da água, ofegante.

Afasto o cabelo molhado do rosto. Me encosto na parede azulejada, deixando o ar frio me acalmar, clarear meus pensamentos.

Tenho que encontrá-la antes que ela se destrua.

Nunca antes quis cooperar com meu pai, nunca concordei com seus motivos ou seus métodos. Mas, nesse instante, estou disposto a fazer qualquer coisa para tê-la de volta.

E estou ansioso pela oportunidade de pular no pescoço de Kent.

O cretino traidor. O idiota que acha que conquistou uma garota bonita. Ele não tem ideia de quem ela seja. Não imagina no que ela pode se transformar.

E se ele pensa que é o par ideal para ela, está muito enganado, ele ainda é mais idiota do que eu imaginava.

Capítulo 19

— Onde está o café? — pergunto, meus olhos examinando a mesa.

Delalieu derruba o garfo. O talher de prata cai ruidosamente sobre os pratos de porcelana. Ele ergue os olhos, assustados.

— Senhor?

— Gostaria de experimentar — digo a ele, tentando passar manteiga na torrada com a mão esquerda. Olho em sua direção. — Você está sempre falando sobre o café, não é? Pensei em...

Delalieu dá um salto da mesa sem dizer uma palavra. Sai correndo pela porta.

Dou uma risada silenciosa para o meu prato.



Delalieu traz a bandeja do chá e café pessoalmente e a coloca perto da minha cadeira. Suas mãos tremem enquanto ele despeja o líquido escuro numa xícara de chá, a coloca sobre um pires, põe sobre a mesa e a empurra em minha direção.

Espero até ele se sentar para tomar um gole. É uma bebida estranha, terrivelmente amarga; nada como eu imaginava. Olho para ele surpreso por saber que um homem como Delalieu começa seu dia tomando um líquido de gosto tão forte e horrível. Descubro um novo respeito pelo homem.

— Não é tão ruim assim — digo a ele.

Seu rosto se abre num sorriso tão grande, tão sereno, que imagino se ele me entendeu mal. Ele está praticamente radiante quando responde:

— Tomo o meu com creme e açúcar. O gosto fica bem melhor do que...

— Açúcar. — Abaixo a xícara. Fechos os lábios e me controlo para não sorrir. — Você coloca açúcar nisso. Claro que sim. Isso faz mais sentido.

— Gostaria de um pouco, senhor?

Levanto minha mão. Sacudo a cabeça.

— Chame as tropas, tenente. Vamos suspender as missões durante o dia e, ao invés disso, faremos incursões noturnas depois do toque de recolher. Você vai permanecer na base — digo a ele — onde o supremo dará as ordens através de seus homens; cumpra as ordens que eles derem. Eu mesmo vou liderar o grupo. — Paro. Olho direto nos olhos dele. — Não se fala mais nada do que aconteceu. Não há nada para os civis verem ou falarem. Você entende?

— Sim, senhor — ele diz, esquecendo o café. — Vou dar as ordens imediatamente.

— Ótimo.

Ele se levanta.

Eu aceno com a cabeça.

Ele se retira.



Estou começando a sentir esperança pela primeira vez desde que ela foi embora. Vamos encontrá-la. Agora, com essa nova informação — com um exército inteiro contra um grupo de rebeldes despreparados — parece impossível não vencermos.

Respiro fundo. Tomo outro gole do café.

Estou surpreso ao perceber como gostei do seu gosto amargo.

Capítulo 20

Meu pai está à minha espera quando volto para meu quarto.

— As ordens foram dadas — digo a ele sem olhar em sua direção. — Vamos mobilizar as tropas hoje à noite. — Hesito. — Bem, se pode me desculpar, tenho outros assuntos para tratar.

— Qual a sensação? — ele indaga. — De estar tão incapacitado? — ele pergunta sorrindo. — Como você aguenta se ver no espelho, sabendo que foi atacado por um de seus próprios subordinados?

Faço uma pausa do lado de fora da porta que leva ao meu escritório.

— O que você quer?

— Qual — é seu interesse por essa garota? — ele indaga.

Minhas costas enrijecem.

— Ela é mais do que apenas uma experiência para você, não é?

Giro o corpo lentamente. Ele está parado no meio do meu quarto, com as mãos nos bolsos, e com um sorriso aparentando nojo.

— Do que você está falando?

— Dê uma olhada em si mesmo — ele diz. — Eu ainda nem disse o nome dela e parece que você vai desabar. — Ele sacode a cabeça, ainda me examinando de perto. — Seu rosto está pálido, sua mão que funciona está crispada. Está com a respiração ofegante e seu corpo está tenso. — Uma pausa. — Você se traiu, filho. Você se acha muito esperto — ele diz —, mas se esquece de quem lhe ensinou todos os truques.

Fico quente e gelado ao mesmo tempo. Tento relaxar as mãos, mas não consigo. Quero dizer a ele que não há nada errado, mas repentinamente estou me sentindo meio zonzo, desejando ter comido um pouco mais no café da manhã, e ao mesmo tempo desejando não ter comido nada.

— Tenho trabalho a fazer — consigo dizer.

— Me diga — ele pergunta — que você não se importa se ela morrer junto com os outros.

— O quê? — As palavras trêmulas e nervosas escapam rápido demais dos meus lábios.

Meu pai abaixa o olhar. Ele cerra e descerra os punhos.

— Você já me desapontou de tantas maneiras — ele diz com a voz aparentemente suave. — Por favor, não faça isso novamente.

Por um momento sinto como se estivesse fora do meu corpo, me olhando pela perspectiva dele. Vejo meu rosto, meu braço ferido, essas pernas que de repente parecem incapazes de carregar meu peso. Fendas começam a se criar ao longo do meu rosto, pelos meus braços, meu tronco e minhas pernas.

Imagino que seja assim que alguém desmorona.

Não percebo que ele disse meu nome, até ele repeti-lo uma segunda vez.

— O que você quer de mim? — pergunto, surpreso, ao perceber como pareço calmo. — Você entrou no meu quarto sem permissão; fica parado aí e me acusa de coisas que ainda nem consegui entender. Estou seguindo suas regras, suas ordens. Vamos partir hoje à noite; vamos encontrar o esconderijo deles. Você pode destruí-los do jeito que achar melhor.

— E sua garota? — ele diz inclinando a cabeça em minha direção. — Sua Juliette?

Me contraio ao ouvir o nome dela. Meu pulso bate tão forte que parece um sussurro.

— Se eu desse três tiros na cabeça dela, como se sentiria? — Ele me encara. Me observa. — Desapontado, porque você perdeu seu brinquedinho de estimação? Ou arrasado porque perdeu a garota que ama?

O tempo nesse momento parece estar mais lento, se derretendo à minha volta.

— Seria um desperdício — digo, ignorando o tremor que sinto por dentro, e que ameaça transbordar — perder algo no qual investi tanto tempo.

Ele sorri.

— É bom saber que você vê as coisas dessa forma — ele diz. — Mas projetos

são facilmente substituíveis. E tenho certeza que poderemos encontrar um uso melhor e mais prático para seu tempo.

Pisco os olhos devagar. Parte do meu peito está destroçado.

— Claro. — Me ouço dizer.

— Sabia que entenderia. — Ele dá um tapinha no meu ombro machucado ao sair do quarto. Meus joelhos quase se dobram. — Valeu o esforço, filho. Mas ela nos custou muito tempo e dinheiro e se provou completamente inútil. Desse modo estaremos nos livrando de várias inconveniências ao mesmo tempo. Vamos considerar isso um efeito colateral. — Ele me dá um último sorriso antes de passar por mim e sair pela porta.



Caio de encontro à parede.

E me amontoo no chão.

Capítulo 21

É só engolir *as lágrimas com bastante frequ*ência que elas *vão começar a parecer ácido escorrendo pela sua garganta. É aquele momento terrível quando você está sentada quieta tão quieta porque você* não quer que a vejam chorar *você* não quer chorar*, mas seus lábios não param de tremer e seus olhos estão cheios até a borda com súplica e eu imploro e por favor e me desculpe e tenha piedade e talvez dessa vez será diferente mas é sempre igual. Não tem onde se esconder. Ninguém ao seu lado.*

Acenda uma vela para mim, eu costumava murmurar para o nada.

Alguém

Qualquer um

Se você está aí fora

Por favor me diga que pode sentir esse fogo.



É o dia cinco das nossas patrulhas, e nada ainda.

Lidero o grupo todas as noites, marchando em silêncio nessas paisagens frias de inverno. Procuramos por passagens escondidas, bueiros camuflados — qualquer indicação de que possa existir outro mundo sob nossos pés.

E toda noite retornamos para a base sem nada.

A futilidade desses últimos dias me atinge, amortecendo meus sentidos, me deixando numa espécie de torpor do qual não consigo me livrar. Todo dia acordo procurando uma solução para os problemas que eu mesmo provoquei, mas não tenho ideia de como consertar isso.

Se ela está lá fora, iremos encontrá-la. E ele a matará.

Só para me ensinar uma lição.

Minha única esperança é encontrá-la primeiro. Talvez possa escondê-la. Ou dizer a ela para fugir. Ou fingir que ela já está morta. Ou talvez convencê-lo que ela é diferente, melhor que os outros; que vale a pena deixá-la viver.

Pareço um idiota patético e desesperado.

Sou uma criança novamente, me escondendo nos cantos escuros e rezando para ele não me encontrar. Esperando que ele esteja de bom humor hoje. Que talvez tudo dê certo. Que talvez minha mãe não vá estar gritando dessa vez.

Incrível como eu rapidamente me reverto para outra versão de mim mesmo na presença dele.

Fico entorpecido.

Tenho realizado minhas tarefas mecanicamente; isso exige apenas um esforço mínimo. Andar é simples. Comer é algo ao qual me acostumei.

Não consigo parar de ler seu diário.

Meu coração sofre, de certo modo, mas não consigo deixar de virar as páginas. Sinto como se estivesse batendo num muro invisível, como se meu rosto estivesse envolto em plástico e eu não pudesse respirar, não pudesse ver, nem ouvir qualquer som a não ser as batidas do meu próprio coração pulsando nos meus ouvidos.

Quis poucas coisas nessa vida.

Não pedi nada a ninguém.

E, agora, tudo que estou pedindo é outra chance. Uma oportunidade de vê-la novamente. Mas a menos que descubra um jeito de impedi-lo, essas palavras são as únicas coisas que restarão dela.

Esses parágrafos e essas sentenças. Essas cartas.

Fiquei obcecado. Carrego esse caderninho comigo para todos os lugares por onde vou, passo todo meu tempo livre tentando decifrar as palavras que ela rabiscou nas margens, criando histórias para acompanhar os números que ela escreveu.

Também notei que a última página está faltando. Arrancada.

Não consigo imaginar por que. Procurei uma centena de vezes no livro todo, procurando nas outras seções onde essa página poderia estar, mas não achei

nada. E de certa forma me sinto enganado, sabendo que tem um trecho que não vi. Não é nem mesmo o meu diário; não tenho nada a ver com isso, mas li as palavras dela tantas vezes que sinto que agora elas são minhas. Posso praticamente recitá-las de cor.

É estranho saber o que se passa na cabeça dela e não poder vê-la. Sinto que ela está aqui, bem na minha frente. Sinto que a conheço tão intimamente, tão secretamente. Fico seguro na companhia dos seus pensamentos; de certo modo me sinto acolhido. Compreendido. Tanto que às vezes eu esqueço que foi ela quem colocou esse buraco de bala no meu braço.

Quase esqueço que ela ainda me odeia, apesar de eu ter me apaixonado tão intensamente por ela.

E me apaixonei.

Perdidamente.

Fui até o fundo do poço. Até o fim. Nunca me senti assim na minha vida. Nada parecido. Senti vergonha e covardia, fraqueza e força. Conheci o terror e a indiferença, ódio de mim mesmo e repugnância geral. Vi coisas que não podem ser vistas.

E ainda assim nunca havia experimentado esse sentimento terrível, horrível e paralisante. Me sinto aleijado. Desesperado e fora de controle. E está ficando pior. Todos os dias me sinto doente. Vazio e ferido por dentro.

O amor é um cretino perverso e sem coração.

Estou ficando louco.



Caio de costas na cama, completamente vestido. Casaco, botas, luvas. Estou cansado demais para tirar a roupa. Essas rondas noturnas têm me deixado pouco tempo para dormir. Parece que estou em constante estado de exaustão.

Minha cabeça cai no travesseiro e pisco uma vez. Duas.

Desmaio.

Capítulo 22

— Não. — Me ouço dizer. — Você não deveria estar aqui.

Ela está sentada na minha cama. Está apoiada nos próprios cotovelos, com as pernas esticadas à sua frente, cruzadas nos tornozelos. E apesar de uma parte de mim saber que devo estar sonhando, tem um outro lado, uma parte esmagadoramente dominante que se recusa a aceitar isso. Parte de mim quer acreditar que ela está aqui, perto de mim, usando esse vestidinho preto justo que fica exibindo suas pernas. Mas tudo nela está diferente, estranhamente vibrante; as cores estão erradas. Seus lábios estão com um tom profundo de rosa, bem intenso; seus olhos estão maiores, mais escuros. Ela está usando sapatos que eu nunca a tinha visto usar. E o mais estranho de tudo: ela está sorrindo para mim.

— Oi — ela murmura.

É só uma palavra, mas meu coração dispara. Estou me afastando dela, quase batendo a cabeça na cabeceira da cama, quando percebo que meu braço não está mais ferido. Olho para baixo, para mim mesmo. Meus dois braços estão funcionando. Estou vestindo apenas uma camiseta e uma cueca.

Ela muda de posição num instante, ficando de joelhos antes de vir rastejando para cima de mim. Ela sobe no meu colo. Agora está montada sobre mim. De repente minha respiração se acelera.

Seus lábios encostam nos meus ouvidos. Suas palavras são meigas.

— Me beije — ela diz.

— Juliette...

— Vim até aqui. — Ela ainda está sorrindo para mim. É um sorriso raro, do tipo que ela nunca antes havia me presenteado. Mas por estranho que pareça, agora ela é minha. Ela é minha e é perfeita e me quer, e não vou lutar contra isso.

Não quero lutar.

Suas mãos estão puxando minha camiseta, tirando-a pela cabeça. Jogando-a no chão. Ela se inclina e beija meu pescoço, só uma vez, bem devagarzinho. Meus olhos se fecham.

Não há palavras no mundo para descrever o que estou sentindo.

Sinto suas mãos percorrerem meu peito, meu estômago; seus dedos deslizarem pela beirada da minha cueca. Seu cabelo despenca para frente, roçando minha pele, e tenho que fechar os punhos para evitar prendê-la na minha cama.

Cada terminação nervosa do meu corpo está pulsando. Nunca me senti tão vivo nem tão desesperado em toda a minha vida, e tenho certeza de que se ela pudesse saber o que estou pensando nesse momento, ela sairia por aquela porta e nunca mais voltaria.

Porque eu a quero.

Agora.

Aqui.

Em todo lugar.

Não quero nada entre nós.

Quero tirar suas roupas, acender as luzes e quero estudá-la de perto. Quero abrir o zíper do seu vestido e me demorar em cada centímetro do seu corpo. Não consigo deixar de querer olhar para ela; de conhecê-la e a seus traços: o declive do seu nariz, a curva dos seus lábios, a linha do seu rosto. Quero percorrer com meus dedos a pele macia do seu pescoço e deslizar até embaixo. Quero sentir o peso do corpo dela sobre o meu, me envolvendo.

Não consigo pensar numa razão para isso não ser certo nem real. Não consigo me concentrar em nada mais, a não ser nela sentada no meu colo, tocando meu peito, e me olhando nos olhos como se realmente me amasse.

Chego a imaginar que morri.

Mas bem quando eu me aproximo, ela se afasta, sorrindo antes de eu alcançá-la, nunca afastando seus olhos.

— Não se preocupe — ela sussurra. — Está quase acabado agora.

Suas palavras parecem tão estranhas, e ao mesmo tempo tão familiares.

— O que quer dizer com isso?

— Só um pouco mais e eu vou embora.

— Não. — Estou piscando rápido, tentando segurá-la. — Não, não vá. Onde você está indo...

— Você vai ficar bem — ela diz. — Prometo.

— *Não...*

Mas agora ela está segurando uma arma.

E a apontando para o meu coração.

Capítulo 23

Essas letras são tudo que me sobrou.

26 amigos para quem contar minha história.

26 letras são tudo que eu preciso para criar oceanos e ecossistemas. Posso combiná-las para formar planetas e sistemas solares. Posso usar letras para construir arranha-céus e metrópoles cheias de gente, lugares, coisas e ideias que são mais reais que essas quatro paredes.

Não preciso de nada além de palavras para viver. Sem elas eu não existiria.

Porque essas palavras que escrevo são a única prova de que ainda estou viva.



Está extraordinariamente frio esta manhã.

Sugiro que a gente faça um passeio descompromissado pelos complexos bem cedo só para ver se algum cidadão parece suspeito ou deslocado. Estou começando a imaginar se Kent e Kishimoto, e todos os outros, estão vivendo em segredo entre as pessoas. Eles devem, afinal de contas, receber alguma ajuda para encontrar comida e água — algo que os prenda à sociedade; duvido que possam plantar alguma coisa debaixo da terra. Mas é claro, são só suposições. Eles podem ter alguém que consegue plantar algo no ar.

Rapidamente dou instruções para meus homens; os oriento para se dispersarem e continuarem sem chamar a atenção. O trabalho deles é observar todo mundo hoje, e relatar o que descobriram para mim.

Assim que se foram, fico sozinho para olhar em volta e pensar. É um lugar perigoso para se esconder.

Meu Deus, ela parecia tão real nos meus sonhos.

Fecho os olhos, cobrindo o rosto com as mãos; meus dedos tocam meus lábios

de leve. Posso sentir o toque dela. Na verdade, posso *senti-la*. Só de pensar nisso, meu coração acelera. Não sei o que vou fazer se continuar a ter sonhos tão intensos com ela. Não vou ser capaz de trabalhar direito.

Respiro fundo, controlando a respiração e me concentrando. Deixo meus olhos perambularem naturalmente, não posso evitar me distrair com as crianças correndo em volta. Parecem tão animadas e despreocupadas. Sei que parece estranho, mas fico triste ao ver que eles conseguiram encontrar felicidade nessa vida. Elas não têm nem ideia do que perderam; nem imaginam como o mundo costumava ser.

Alguma coisa se aproxima e bate nas minhas pernas.

Ouço um arquejo estranho e cansado; me viro.

É um cachorro.

Um cachorro cansado e faminto, tão magro e frágil que parece que pode ser levado pelo vento. Mas ele está me olhando. Sem medo. Com a boca aberta. A língua balançando.

Tenho vontade de dar risada.

Olho em volta rapidamente antes de pegar o cachorro nos braços. Não preciso dar ao meu pai outro motivo para me castrar, e não confio que meus soldados não irão contar uma coisa assim.

Que eu estava brincando com um cachorro.

Posso até escutar as coisas que meu pai iria me dizer.

Carrego a criatura chorosa até uma das casas que haviam sido desocupadas recentemente — vi apenas três famílias saindo para o trabalho — e me abaixo por trás de uma das cercas. O cachorro parece ser bem esperto para saber que agora não é hora de latir.

Tiro minhas luvas e ponho a mão no bolso para pegar um pãozinho doce que havia trazido como café da manhã; não tive tempo de comer nada antes de sairmos hoje cedo. E embora eu não faça ideia do que um cachorro coma, exatamente, eu lhe dou o pãozinho.

O cachorro praticamente o agarra da minha mão.

Ele engole o pãozinho em duas bocadas e começa a lamber os meus dedos, pulando no meu peito, todo empolgado, aproveitando o calor do meu casaco

aberto. Não consigo segurar a risada que escapa dos meus lábios; nem quero. Há muito tempo não me sinto assim. E não posso evitar ficar espantado com o poder que animaizinhos tão pequenos exercem sobre nós; eles rompem nossas resistências com a maior facilidade.

Passo minhas mãos pelo seu pelo surrado, sentindo as pontas das costelas aparecendo em ângulos desconfortáveis. Mas o cachorro não parece se importar com seu estado de inanição, pelo menos não agora. Seu rabo está balançando furiosamente, e ele fica pulando no meu peito para me olhar. Começo a pensar que deveria ter enfiado mais alguns pãezinhos doces no meu bolso antes de sair.

Algo estala.

Ouço um suspiro.

Olho em volta.

Dou um pulo, alerta, procurando o barulho. Parecia bem perto. Alguém me viu. Alguém... Um civil. Ela já está escapando, seu corpo apertado de encontro a uma das paredes da casa.

— Ei! — grito. — Você aí...

Ela para. Olha para cima.

Eu quase desmaio.

Juliette.

Ela está me olhando. Ela realmente está aqui, olhando para mim, com os olhos arregalados e assustados. Minhas pernas parecem ser feitas de chumbo. Estou preso no chão, incapaz de dizer uma palavra sequer. Nem sei por onde começar. São tantas coisas que gostaria de dizer a ela, tantas coisas que eu nunca disse, e eu estou simplesmente tão feliz ao vê-la.

— Deus, estou tão *aliviado*...

Ela desapareceu.

Olho em volta, em pânico, imaginando se estou começando a perder meu senso de realidade. Meus olhos se voltam para o cachorrinho que ainda está parado ali, esperando por mim, e eu olho para ele estupefato, imaginando o que havia acontecido. Fico olhando para o lugar onde a vi, mas não vejo nada.

Nada.

Passo a mão pelos cabelos, tão confuso, tão horrorizado e irritado comigo mesmo, que fico tentado a arrancar minha cabeça.

O que está acontecendo comigo?

Sobre a Autora



Tahereh Mafi é de Connecticut (EUA) e tem 25 anos. É formada em Artes e fala oito idiomas. Atualmente vive em Orange County, Califórnia.

Em 2011, lançou seu primeiro livro, Estilhaça-me (Shatter Me), publicado no Brasil no ano seguinte. Após estrondoso sucesso, teve os direitos de sua obra vendidos para 22 países e os estúdios Fox compraram os direitos de adaptação para o cinema. Em 2013, lançou o segundo livro dessa trilogia, Liberta-me (Unravel Me).

Redes Sociais

Acompanhe todas as novidades sobre nossos lançamentos em nossas redes sociais.

 »  »  »  »  »



www.editoranovoconceito.com.br